

Izabela Wagner

Bauman: Uma biografia

Tradução:
Carlos Alberto Medeiros



Num estado de exaltação, as pessoas não anseiam por conhecimento, mas por lendas; não pela distância comparativa da história, mas pela afirmação de sua *raison d'être*, suas crenças por tradição. Elas desejam explicações inequívocas e símbolos unificadores.

JERZY JEDLICKI¹

Em memória de Keith Tester

Introdução

22 de junho de 2013: Breslávia

O local é um salão de conferências de seiscentos lugares em Breslávia, cidade pitoresca construída sobre doze ilhas do sinuoso rio Oder que recuperou plenamente sua glória depois de sofrer uma destruição quase absoluta durante a Segunda Guerra Mundial. O salão está lotado de estudantes e professores universitários, com jovens se amontoando nas escadas ou de pé, encostados nas paredes, do lado de câmeras de TV que cobrem a palestra. O notável palestrante de hoje é Zygmunt Bauman, um intelectual globalmente reconhecido. Esse homem magro, de 88 anos, está sentado no palco entre o organizador do evento e o prefeito de Breslávia, Rafał Dudkiewicz. Dois guarda-costas contratados pela universidade estão de pé perto de Bauman. A tensão é grande. Dois meses antes, o político esquerdista franco-germânico Daniel Cohn-Bendit cancelou uma palestra que seria realizada ali em função de ameaças de morte. Hoje, mais uma vez, os organizadores temem a ocorrência de distúrbios provocados por grupos nacionalistas xenofóbicos.

Bauman é um excelente orador. Vários de seus livros (entre os mais de cinquenta que publicou) são best-sellers, escritos num estilo acessível ao grande público. Sua visão de mundo é uma inspiração para jovens engajados e movimentos sociais. Bauman é um raro intelectual que se tornou celebridade, e suas palestras atraem milhares de pessoas, da Itália ao Brasil e da Grécia a Portugal. Ele também tem, é claro, um público

na Polônia. O tema da palestra de hoje são os ideais da esquerda, a velha e a nova, e os desafios enfrentados pelos movimentos com esse viés na atual configuração do capitalismo.¹

Quando o prefeito assume o microfone para dizer algumas palavras, é atacado pelo público que está na parte de trás do salão, que entrou no último minuto, assim como por outras pessoas misturadas à plateia — cerca de cem, no total. Eles gritam palavras ofensivas, agitam os braços, cerram os punhos e ameaçam os que estão no palco. “Dudkiewicz, por que você o convidou?”, gritam. “Abaixo o comunismo! Nuremberg para os comunistas!” “Os comunistas serão enforcados!” Alguns manifestantes “erguem as mãos na saudação nazista”, lembrará depois Adam Chmielewski, organizador do evento.² Bauman observa com preocupação — nervoso, mas não em pânico. O público universitário, atônito, parece incapaz de acreditar no que está vendo com seus próprios olhos.

Uma das palavras de ordem que os manifestantes proclamam, aos gritos, é “NSZ!” (Narodowe Siły Zbrojne, ou Forças Armadas Nacionais). Eles se referem ao grupo nacionalista militar clandestino que enfrentou os nazistas e a esquerda polonesa durante e após a Segunda Guerra Mundial.³ Quando jovem, imediatamente após a guerra, Bauman foi oficial do KBW (Korpus Bezpieczeństwa Wewnętrznego, ou Corpo de Segurança Interna), uma unidade de inteligência do Exército polonês que perseguia os remanescentes das NSZ. A história é velha — tem mais de sessenta anos —, mas esses radicais de direita agem como se tivesse acontecido ontem. Eles retomaram o bastão das NSZ e seu antissemitismo nacionalista radical e xenofóbico. Alguns usam camisetas com as iniciais do NOP (Narodowe Odrodzenie Polski, ou Renascimento Nacional da Polônia),⁴ o partido que organizou a manifestação junto

com o ONR (Obóz Narodowo-Radykalny, ou Acampamento Nacional Radical).⁵ Ambos usam o símbolo da falange que grupos fascistas e antissemitas ostentaram em suas bandeiras no período entreguerras.⁶ Eles portam bandeirolas — pequenas flâmulas do tipo usado por grupos que organizaram distúrbios antissemitas em universidades polonesas na década de 1930.

Depois de algum tempo, chega a polícia, recebida com aplausos pela plateia universitária. Os grupos agressivos abandonam o salão, prometendo voltar. Deixam Bauman sentado sozinho, completamente encolhido no palco. Ele fará sua palestra, mas ninguém irá se lembrar dela. O que ficará na memória serão os brutamontes que mostram que o fascismo ainda tem o poder de seduzir pessoas jovens e que ainda existe quem se recuse a aceitar o direito de pessoas como Zygmunt Bauman de se identificarem como polonesas.

Durante os anos que ainda viveu, Bauman jamais comentou o incidente em público. Mas as palavras e símbolos usados pelos manifestantes lhe eram familiares desde sua infância em Poznań, onde sofreu com o bullying antissemita e as leis raciais que o obrigavam, como os outros judeus, a se sentar no “banco do gueto” da escola.⁷ Talvez ele tenha sentido que sua vida completava um círculo, ou que as antigas forças estavam de volta. A utopia do século XX que ele havia desejado — o fim das guerras, o desaparecimento dos conflitos étnicos e raciais e a possibilidade de uma sociedade igualitária — parecia ter acabado. O mundo estava enfrentando um velho fantasma, o ódio xenofóbico do “outro”.

Por que Bauman era alvo desse ódio? Por que esses jovens queriam botá-lo na cadeia? O que ele teria feito para ser transformado num bode

expiatório por parte da sociedade polonesa? E como uma mesma pessoa podia ser aclamada e admirada por milhões e odiada por outros?

Quem era Zygmunt Bauman?

Bauman, que morreu em 2017, foi um sociólogo, filósofo e intelectual. Tornou-se conhecido por outros sociólogos na década de 1960, quando, ainda jovem, fazia palestras em conferências internacionais. Mais tarde, passou a ser bastante conhecido entre a comunidade acadêmica mais ampla com a publicação de *Modernidade e Holocausto* (1989). O livro ganhou prêmios e foi reconhecido como uma contribuição significativa à compreensão da Shoá, bem como uma importante crítica da modernidade. Bauman, um intelectual e escritor notavelmente disciplinado que aprendeu sobre comunicação nas linhas de frente como um messias do socialismo para soldados poloneses analfabetos, veio depois a se tornar uma figura-chave no desenvolvimento da teoria pós-modernista; seu ecletismo e sua abordagem humanista fizeram com que os colegas o chamassem de “Simmel moderno” (em alusão ao eminente sociólogo alemão Georg Simmel).

Depois de aposentado, Bauman ultrapassou os limites da escrita acadêmica e buscou um público mais amplo, mais jovem. Foi um passo incomum para um intelectual com 75 anos, mas incrivelmente bem-sucedido. Professor britânico aposentado, judeu polonês por nascimento, foi abraçado por leitores de todo o mundo após a publicação de *Modernidade líquida* (2000), um livro inovador que se tornou best-seller quase que da noite para o dia. As obras que se seguiram popularizaram ainda mais a visão de Bauman, e sua análise das sociedades ocidentais contemporâneas tocou fundo em milhões de leitores, transformando-o num dos intelectuais mais prolíficos,

influentes e lidos do século XXI. Bauman apresentava sua visão de mundo de uma forma que causava forte impressão nas pessoas. Foi citado por jornalistas, escritores, ativistas, artistas e também por acadêmicos e intelectuais. Captou a velocidade e as permanentes transformações do mundo e era visto como um oráculo, embora jamais tenha tido a pretensão de prever o futuro. Ele dizia que o mundo o enchia de pessimismo, mas que a admirável criatividade dos seres humanos proporcionava alguma reserva de otimismo. Essa era a voz de um intelectual idoso cujas experiências de guerra e fuga, discriminação e perseguição o tornaram particularmente atento aos processos que levavam à guerra e à ditadura.

Bauman era discreto sobre sua vida privada. Em nossas entrevistas para este livro, ele por vezes dizia que sua biografia era típica de sua geração e não tinha influenciado particularmente o seu trabalho.⁸ Mas, depois de conhecer os detalhes de sua vida, convenci-me do oposto — seu trabalho é profundamente baseado em sua experiência pessoal, sobretudo na série de eventos traumáticos que se iniciou em sua infância e se estendeu até os seus quarenta anos. Num ensaio inédito,⁹ dirigido a seus filhos e netos, ele revelou os interstícios de sua vida e, nesse processo, acabou reconhecendo o fato.

Bauman tentou construir um mundo melhor. Nas diferentes fases de sua vida adulta, nunca foi um observador passivo da sociedade, mas um ativista que vivia em função de seus ideais. Foi testemunha e participante de muitos eventos trágicos que transformaram fundamentalmente nosso mundo — vivenciando o antissemitismo em seus dias de juventude na Polônia, a fuga do nazismo, o exílio na Rússia soviética, a fome, a vida de combate de um soldado, a de um pregador do comunismo durante a implementação de um regime pró-soviético na

Polônia, o colapso do stalinismo e a interação do autoritarismo com a democratização parcial na Polônia do pós-guerra. Bauman foi um refugiado duas vezes, em 1939-44 e em 1968. Não escolheu uma vida de nômade, mas ela lhe foi imposta. Durante a maior parte de sua existência, fez o possível para ser um bom polonês, mas a Polônia não o aceitou como tal. Sua identidade polonesa foi contestada pelas normas, pelas leis e pela perseguição antissemitas — a percepção de Bauman de sua identidade não era aceita por aqueles que a controlavam a partir de fora.

O sentimento de identidade (Quem sou eu?) e o *master status* (Como os outros me percebem?) são dois eixos que cortam este livro.

Aqui, sigo o pensamento de Everett Hughes (proeminente sociólogo de Chicago), que em 1945 apresentou o conceito de *master status*. Com essa expressão ele define a identidade social imposta por outros.¹⁰ Uma contradição de status ocorre quando alguém tenta desempenhar um papel social embora lhe faltem as características necessárias a que a sociedade está habituada. Essa situação costuma ocorrer quando pessoas de grupos discriminados ocupam posições de prestígio, ou tentam fazê-lo.

Ainda criança, Bauman não pôde ser aceito como o primeiro aluno de sua turma na escola, apesar de seus resultados superiores, porque era judeu e tal posição era reservada a um polonês que não pertencesse a esse grupo. O *master status* nesse caso era um dos principais fatores que determinavam e limitavam os papéis sociais que ele podia exercer. Isso prosseguiu por grande parte de sua vida na Polônia: a tensão entre sua autoidentificação — polonês — e o *master status* imposto pelas pessoas à sua volta — judeu. Sua experiência era comum no país. Bauman teve muitos outros papéis: estudante, soldado, oficial, acadêmico, pai,

emigrante e imigrante. Mas o status que predominou foi sua origem étnico-cultural, que impôs percepções e influenciou fortemente suas interações com os outros.

No nível pessoal, ele aprendeu como o comportamento tribal de sociedades divide as pessoas entre “nós” e “eles” — o “conflito”, como Bauman escreveu, “sobre quem tem o sangue mais vermelho”. Ele muitas vezes abordou esse tema, vendo-o como a origem dos problemas da humanidade. Com certeza, sua própria vida nunca seria inteiramente livre dos tormentos do tribalismo.

Na primeira parte da vida, ele foi afetado por forças extremas que privavam os indivíduos de sua agência e de seu senso de empoderamento. Essa dinâmica provavelmente moldou sua convicção de que a vida consiste em situações arriscadas, de que o controle de uma pessoa sobre a própria existência é amplamente limitado e de que o caráter do indivíduo pode propiciar possibilidades de se ajustar a uma determinada situação, mas a situação é determinada pela história e pela política. Essa visão de seres humanos enredados em um mundo poderoso, fora de seu controle, é contrária à ideologia popular na segunda metade do século XX, que apresentava o indivíduo como artífice de seu próprio destino. Enquanto o mundo neoliberal proclamava que “Se você quiser, você consegue”, Bauman dizia o oposto, descrevendo uma sociedade cuja ideologia leva os cidadãos a acreditarem que sua agência é confirmada pelo consumo — a ilusão onipresente do poder do indivíduo.

Voltados para leitores da sociedade ocidental, seus livros afirmavam que, embora o capitalismo promettesse que a felicidade podia ser alcançada por meio das compras e do consumo, ele na verdade desestabilizava tudo aquilo que a civilização havia criado: as relações

sociais, o amor, as regras, a moral, os valores — nos termos de Bauman, ele os “liquefazia”. Os processos e regras da era “moderna”, antes sólidos, com seu sentido de desenvolvimento e progresso constantes, agora eram líquidos, caracterizados por uma preferência pelas novas, próximas e melhores soluções, pela inovação em si. O sentimento de “liquidez” — sua temporalidade e falta de estabilidade — caracterizava os nossos tempos. O modo de vida antigo, percebido como sólido, fixo e claro, dava lugar a algo novo, ainda não estabelecido de fato — uma espécie de trabalho em andamento. Nossa época era um período intermediário no qual cada membro de uma sociedade desenvolvida precisava ser flexível, pois as estruturas, as regras e os valores precedentes não estavam mais disponíveis. A precariedade era a consequência das transformações de nossas sociedades.

No mundo líquido, tudo se transforma com tanta rapidez que somos levados a sentir que a vida é transitória. Os tempos líquidos são definidos pela incerteza. Se, nas gerações anteriores, muitas pessoas passavam a vida toda trabalhando no mesmo lugar, tendo a mesma ocupação, muitas vezes com o mesmo parceiro e a mesma família vivendo na mesma casa, os habitantes do mundo líquido são obrigados a mudar de local de trabalho e de ocupação, adaptando-se a um ambiente dinâmico. Essa instabilidade contextual está relacionada a um elevado grau de mobilidade geográfica. A dinâmica da liquidez modificou as relações sociais, que se tornaram frágeis. Os laços sociais se fragilizaram, aumentando a solidão das pessoas. A crença persistente de que comprar o último produto da moda nos faria felizes era uma poderosa ilusão. Essa é a desconstrução baumaniana de nossas sociedades ocidentais.

Bauman sabia muito sobre ilusões, crenças, pertencimento e engajamento. Foi um ex-missionário do socialismo que teve lições de

engajamento ao procurar construir uma nova sociedade na primeira parte de sua vida, e então passou a segunda parte advertindo as pessoas sobre o perigo de engajamentos e crenças inumanos. Sua transformação foi diferente da dos colegas que, criticando seus sistemas de crenças iniciais, lançaram-se de cabeça em outros, novos e opostos (do comunismo ao capitalismo). Bauman manteve seus valores e sonhos sobre justiça social, mas analisou de forma crítica os sistemas que estavam sendo produzidos, supostamente para atingir objetivos nobres.¹¹

Este livro, a primeira biografia abrangente de Bauman, situa seu trabalho no contexto de sua vida. Espera-se que possibilite aos leitores de sua obra revisitá-la com uma percepção mais profunda de suas mensagens, que emanam não apenas da volumosa produção acadêmica e do pensamento de Bauman, mas também de suas icônicas experiências.

1. Uma infância feliz “em tais circunstâncias”

Poznań (1925-32)

Um local de nascimento significativo, um período crítico...

Zygmunt Bauman nasceu no dia 19 de novembro de 1925 na cidade de Poznań, na Polônia. Nesse dia, a edição matutina do jornal local mais popular, o *Kurjer Poznański* [Correio de Poznań], trazia notícias diretas de Roma. “Ovações entusiásticas em homenagem a Mussolini”, dizia a reportagem. “Fantástico discurso do primeiro-ministro na sessão de abertura do Parlamento. A sessão de hoje da Câmara dos Deputados começou num ambiente de extrema excitação, com muito entusiasmo e gestos exuberantes em homenagem a Mussolini.”¹

A edição noturna do *Kurjer* trazia a sétima parte de uma série de artigos intitulada “A sociedade do distrito de Poznań e da Pomerânia numa Polônia reconstruída”,² escrita pelo famoso político nacionalista Roman Dmowski.³ A primeira parte do texto fora publicada em 12 de novembro, um dia após o sétimo aniversário da independência do novo Estado polonês depois de 123 anos dividido entre a Rússia, a Prússia e o Império Austro-Húngaro. Dmowski ressaltava a importância da consciência nacionalista das massas. Tratava-se de uma questão de grande relevância a de cerrar fileiras uniformemente contra os judeus, tarefa que se pode considerar ter sido liderada por Poznań.⁴ Esse foi o mundo em que nasceu Zygmunt Bauman.

Foi um dia pouco auspicioso para quem pertencia a essa minoria étnica — expressão que na época não era usada. Os judeus já viviam em solo polonês havia mais de mil anos, mas a maioria os considerava forasteiros, outros — e não membros plenos da sociedade. A situação dos judeus poloneses era diferente da dos judeus na França ou na Alemanha, onde havia, desde o século XVIII, um grau maior de assimilação. Na Polônia, o judaísmo não era apenas uma condição religiosa; os judeus eram representados como diferentes em muitas categorias — cultura, nacionalidade, etnia —, de modo a demonstrar que, embora vivessem havia séculos no mesmo solo que os católicos poloneses, eram um povo separado.

Num ensaio particular dirigido às filhas anos depois,⁵ Bauman explicou a situação dos judeus poloneses nesse contexto histórico:

Não posso evitar a história. Ela decretou que a condição de “ser polonês” tem sido, ao longo dos séculos, uma questão de decisão, escolha e ação. Tem sido algo pelo qual se deve lutar, algo que se deve defender, cultivar conscientemente e preservar com desvelo. “Ser polonês” não significa proteger fronteiras bem constituídas e delimitadas, mas estabelecer limites que ainda não existem — *construir* realidades em vez de expressá-las. Havia na polonesidade um traço constante de incerteza, de “até segunda ordem” — uma espécie de condicionalidade precária sobre a qual pouco sabem outras nações, mais seguras.

Em tais circunstâncias, só se poderia esperar que a nação sitiada, o tempo todo ameaçada, testasse e retestasse constantemente a lealdade de seus quadros. Ela iria desenvolver um temor quase paranoico de ser ocupada, diluída, invadida, desarmada. Veria com desconfiança e suspeita todos os recém-chegados com credenciais que não fossem irretocáveis. Veria a si mesma como que cercada por inimigos, e desconfiaria, mais que de qualquer outro, do “inimigo interno”.

Em tais circunstâncias, também se deveria aceitar que a decisão de ser polonês (sobretudo se não tivesse sido tomada por ancestrais distantes o suficiente para que houvesse tempo de se enrijecer, transformando-se numa realidade sólida como uma rocha) fosse a de se unir numa luta sem vitória garantida e sem a perspectiva de que um dia viesse a sê-lo. Por séculos, as pessoas não se definiam como polonesas por desejarem uma vida tranquila. Os que assim se definiram dificilmente poderiam ser acusados de optar pelo conforto e segurança. Na maioria dos casos, mereciam louvor moral incondicional e calorosas boas-vindas.

Que essas mesmas circunstâncias tenham levado a consequências apontando em direções opostas, chocando-se entre si e, em última instância, entrando em conflito, é ilógico. Ora, culpem as circunstâncias.⁶

Definir-se como polonês era uma decisão individual, mas que precisava ser confirmada pela sociedade. Falar da “assimilação” dos judeus ou de uma identidade que fundia as culturas polonesa e judaica era não apenas uma questão de autoidentificação, mas algo que envolvia inevitavelmente a sociedade polonesa como um todo. Nesse caso, “as circunstâncias” de que Bauman falou eram diferentes daquelas que permitiram a assimilação dos judeus na França e na Alemanha antes da chegada do nazismo. Havia um dito popular no século XX — e ainda hoje — segundo o qual embora fosse possível ser um judeu francês ou americano, não existia isso de ser um judeu polonês. Era preciso escolher — uma coisa ou a outra!⁷

Bauman explicou o caso específico da Polônia a partir da perspectiva da *longue durée*:⁸

Um dos mistérios da psicologia social é que os grupos que sustentam sua identidade na vontade e na decisão tendem a negar a outros o direito à autodefinição; ao questionarem e depreciarem a validade da

autodeterminação, talvez desejem suprimir e esquecer as frágeis fundações de sua própria existência. Foi o que aconteceu na Polônia no entreguerras.⁹

O historiador Paweł Brykczyński, em seu livro *Primed for Violence: Murder, Antisemitism and Democratic Politics in Interwar Poland*, afirma que o nacionalismo antissemita foi uma força mais importante na cultura e na política do que alguns historiadores poloneses estão prontos a admitir.¹⁰

Sem dúvida, ele não era uma força hegemônica. O nacionalismo antissemita enfrentou uma forte competição, liderada por talentosos e carismáticos líderes políticos, como Piłsudski,¹¹ e criada por poderosos campos socialistas, radicais, liberais e conservadores moderados que se reuniam em torno dele.¹²

Brykczyński propõe que a essência do conflito entre os apoiadores de Dmowski e Piłsudski — parafraseando Benedict Anderson¹³ — envolvia diferentes formas de construir comunidades imaginárias.¹⁴ Enquanto para Piłsudski a sociedade polonesa incluía todos os cidadãos poloneses, independente de religião ou etnia, para Dmowski a condição de polonês era reservada aos católicos. Assim, o problema do antissemitismo teve um papel fundamental no conflito entre os apoiadores de Dmowski e de Piłsudski.

Na Polônia do entreguerras, as relações entre as duas comunidades vizinhas eram dinâmicas, com fortes distinções de região para região, com base em qual dos poderes tripartites havia governado cada uma delas. De acordo com essa divisão, as regras referentes a moradia e acesso a profissões e ocupações eram diferentes nas áreas sob o domínio de tsares ou kaisers, assim como era diferente a demografia das populações judaicas. Poznań — capital da região de Wielkopolska — tinha, em 1921, 169 422 habitantes, dos quais apenas 1,2% era judeu.¹⁵

Essa situação demográfica era excepcional entre as grandes cidades polonesas, nas quais, após o renascimento do Estado independente (1918), os judeus constituíam cerca de um terço da população (dados de 1921 mostram que Varsóvia tinha 33,1% de judeus, Łódź 34,6% e Cracóvia 25%). Esse parecia ser o motivo por que Dmowski era tão fascinado por Poznań, com sua modesta proporção de judeus e seu “patriótico alinhamento à nação polonesa”.¹⁶ A linguagem do período incluía a palavra “zażydzenie” (infestação judaica, ou “judificação”).¹⁷ O *Dicionário varsoviano* de 1927 define o termo como “poluir com judeus [...] encher um território de judeus, inundar de judeus”. Como exemplo de seu uso, os autores do dicionário citam o romance *Marzyciel* [Sonhador], de Władysław Reymont, ganhador do prêmio Nobel de 1924, cujo herói afirma: “Vou morrer lá e esquecer este país fedorento, infestado de judeus”. Os jornais e revistas com frequência observavam que Poznań era uma das cidades polonesas menos “infestadas de judeus”.

Num dos primeiros artigos da série publicada por Dmowski no *Kurjer Poznański*, ele se refere ao avanço de Poznań no “processo civilizatório [...] Wielkopolska, sendo a região mais antiga e ocidental da Polônia, era mais civilizada que as outras. Antes, ela tinha ainda mais alemães e menos judeus [do que hoje]”.¹⁸ Uma vez mais, a quantidade dos judeus é diretamente associada ao progresso da civilização. O “desenvolvimento econômico” era a camuflagem científica para um antissemitismo bem desenvolvido e generalizado.

Em 1925, o antissemitismo era forte em Poznań, embora a presença de judeus na cidade fosse muito menor do que apenas uma década antes. Do fim do século XIX até 1918, os judeus constituíam uma parcela importante da vida econômica e política de Poznań. Naqueles anos, a

população judaica se identificava fortemente com a Alemanha e sua situação era semelhante à de outras comunidades de judeus na Prússia. Três grupos étnicos — alemães prussianos, poloneses e judeus — conviviam pacificamente numa cidade cujo idioma para os negócios era o alemão. Falava-se polonês em casa, mas a política de germanização imposta por Bismarck impedia o uso da língua em lugares públicos. Não surpreende que os nacionais-democratas vissem com repugnância esse período do passado:

Em 1853, judeus naturalizados foram eleitos pela primeira vez para a Câmara de Vereadores da cidade: seu número excedia o de delegados poloneses, o que piorou as relações com a população polonesa, que já estavam muito longe da perfeição [...]. Para os poloneses que lutavam para recuperar sua independência, os judeus germanizados, que ostentavam sua lealdade e vassalagem à Prússia, tornaram-se em alguns casos um grupo mais hostil do que os próprios alemães. Os judeus de Poznań iriam vivenciar essa hostilidade de forma particularmente aguda após a Primeira Guerra Mundial.¹⁹

No final da Primeira Guerra Mundial, alemães e poloneses lutaram pelo controle dos territórios em torno de Poznań, culminando no Levante de Wielkopolska de 1918-9. A população judaica da região, fortemente germanizada, apoiou nesse confronto a República de Weimar, acreditando que o Estado polonês recém-independente não iria durar. Quando a Polônia obteve o controle definitivo de Wielkopolska, a maioria das famílias judaicas deixou a cidade e se estabeleceu em territórios sob controle alemão — eram judeus que haviam “traído” o Estado polonês ao apoiarem os alemães em Poznań. Ao mesmo tempo, a Revolução de Outubro de 1917 trouxe “judeus do Leste” — com frequência famílias burguesas fugindo da União Soviética — para

Poznań, onde eles receberam o apoio do Estado polonês. Apesar disso, cresceu o antissemitismo, produto da demonstração de força dos nacionalistas poloneses no entreguerras. Os habitantes católicos de Poznań tendiam a não fazer distinções entre os diferentes grupos judaicos, quer suas tradições fossem ligadas à Alemanha ou à zona de assentamento judeu na Rússia. Para eles, eram todos apenas judeus.

O historiador Rafał Witkowski observa que, em 1922, o alemão ainda era a língua oficial utilizada nos conselhos e associações da sinagoga, mas em 1931 apenas 15% dos judeus de Poznań eram alemães, no sentido de falarem o idioma e se identificarem como alemães.²⁰ Claramente, parte dessa população havia sido “substituída” por famílias vindas do Leste.²¹

A família

Os pais de Zygmunt Bauman também eram novos habitantes da cidade na década de 1920. Na lista de registros do cartório de Poznań, lê-se que o pai de Zygmunt se mudara para a rua Prusa, 17, no dia 1º de julho de 1923.²² O mesmo documento mostra que Maurycy nasceu em 20 de fevereiro de 1890 na cidade de Słupca, cerca de cinquenta quilômetros a leste de Poznań. A comunidade judaica havia se estabelecido em Słupca por volta de 1870, e em 1900 os judeus constituíam 20% de sua população — 25% na época em que Maurycy Bauman se mudou para Poznań.²³ A mãe de Bauman, Zofia, nasceu em 10 de fevereiro de 1894 em Rypin, perto de Włocławek, que desde 1620 tinha uma ampla comunidade judaica. Seu nome de solteira é escrito de forma diferente em diversos documentos — ela aparece como Zofia Kon nos registros de endereços e como Zofia (Zywa) Cohn em outros documentos, na

maioria produzidos após a Segunda Guerra Mundial. A terceira pessoa mencionada no registro de Poznań é Tauba, irmã mais velha de Zygmunt, cuja data de nascimento, em Ślupca, é dada como 28 de janeiro de 1919. Zygmunt Bauman, o segundo e último filho dessa família, também aparece na lista.

A informação biográfica desse registro é um pouco diferente da que consta nos documentos oficiais de fases posteriores da vida da família. O próprio Zygmunt Bauman fornece um relato ligeiramente distinto de seus familiares e de seu histórico em documentos como o Questionário Especial de 1950, de treze páginas, produzido pela polícia política secreta da Polônia, o Departamento de Segurança (Urząd Bezpieczeństwa, UB). Muitas datas de nascimento e formas ortográficas variam de um documento para outro, situação comum depois da Segunda Guerra Mundial:²⁴ as pessoas muitas vezes saíam das tragédias da guerra, da deportação e da fuga com novos nomes, sobrenomes, datas e locais de nascimento. A família de Zygmunt mudou o nome Baumann — “construtor”, em alemão — para um com “aspecto mais polonês”, Bauman, provavelmente depois que a Polônia se tornou um Estado independente, em 1918.

Às vezes as mudanças eram involuntárias, resultado de alterações na língua oficial de pessoas educadas numa variedade de idiomas — polonês, alemão, russo, iídiche e hebraico,²⁵ o que envolvia três alfabetos: cirílico, hebraico e latino (além disso, o polonês apresenta muitas letras acentuadas que não são comuns em outras línguas que utilizam o alfabeto latino). O nome da mãe de Bauman, por exemplo, tinha origem iídiche/hebraica e podia ser escrito como Kon, Kohn, Kahn, Con, Cehn ou Cohn. Com efeito, várias fontes genealógicas afirmam que todas essas versões são variantes de Cohen, um nome

associado à realeza na tradição judaica — sua tradução do hebraico é “sacerdote”, referindo-se ao clã sacerdotal dos tempos bíblicos cujos membros eram guardiães do Templo original.

Mudanças de sobrenomes também podiam ser intencionais, mas muitas vezes ocorriam porque os funcionários dos cartórios usavam diversas línguas ou alfabetos ou vinham de diferentes culturas. Foi o caso de nomes hebraicos escritos por oficiais poloneses ou soldados soviéticos educados no alfabeto cirílico que, durante e após a Segunda Guerra Mundial, foram encarregados de preencher documentos oficiais. Tanto o funcionário do cartório quanto a pessoa cujo nome estava sendo alterado podia modificá-lo com o propósito de afirmar sua identidade ou pela necessidade de ser percebida como membro de determinado grupo. A irmã de Bauman foi inicialmente chamada de Tauba (conforme os registros na comunidade judaica) e depois se tornou Teofila, para se conformar à “versão” polonesa de seu nome inicial. Depois de se mudar para a Palestina, assumiu o nome hebraico de Tova. Nos documentos do pós-guerra, seu local de nascimento também foi alterado: de acordo com o cartório de registros de Poznań, ela nasceu em Słupca, mas em documentos do pós-guerra o local de nascimento passa a ser Włocławek, onde vivia a família de sua mãe. As duas cidades guardavam uma distância de 110 quilômetros e pertenciam a diferentes países.

Em janeiro de 1919, mês em que Tauba nasceu, Włocławek não era um lugar tranquilo. Um conflito entre membros do Partido Comunista e seus oponentes levou a uma série de pogroms contra o distrito judaico, embora, diferente de Poznań, a comunidade judaica de Włocławek tivesse apoiado o Exército polonês e o novo governo independente. Nos meses que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, pogroms

envolvendo soldados e a população civil foram frequentes em cidades e aldeias com população judaica.²⁶ O pogrom de Włocławek em janeiro de 1919 não pode ser explicado por outros motivos senão o ódio a uma minoria étnica que estava numa boa posição econômica. Os judeus de Włocławek eram donos de 60% dos negócios locais e havia décadas constituíam um grupo geralmente bem assimilado. Os conhecidos proprietários de terras e personalidades da cidade incluíam muitos Kohn. A família de Zofia era dona de uma empresa no setor de construção civil e pertencia à burguesia local.

As mudanças de data de nascimento talvez tenham sido o tipo mais frequente de alteração de documentos nesse período. Zofia, por exemplo, é registrada em papéis do período anterior à guerra como tendo nascido em 1894, mas no pós-guerra esse ano foi alterado para 1896. Muitas pessoas aproveitaram a oportunidade proporcionada pelo caos da guerra e do pós-guerra para rejuvenescer. Em sociedades reguladas pelo Estado com idades de aposentadoria prefixadas e pensões insignificantes ou simbólicas, era uma boa estratégia continuar trabalhando por mais tempo.

As mudanças de ocupação indicavam as pressões sociais cambiantes sob as quais Bauman e sua família viveram no século XX, e também as transformações das percepções do que constituía “capital social” ou “classe social”. Nos documentos anteriores à guerra, a ocupação de Maurycy Bauman é registrada como comerciante, enquanto no momento em que Zygmunt nasceu ele é listado como proprietário (ou coproprietário) de lojas de tecidos. No início da década de 1930, depois de falências, da Grande Depressão e do boicote a lojas de judeus pela comunidade polonesa (particularmente bem articulada em Poznań), Maurycy tornou-se contador ou escriturário de uma empresa local, a

Sławiński & Toczkała. Em resposta a diversos questionários administrativos do pós-guerra, Zygmunt Bauman atribuiu duas ocupações ao pai no período anterior ao conflito: primeiro, comerciante ou lojista; depois, contador. Por exemplo, no documento “Explicações do currículo”, de 3 de janeiro de 1950, pode-se ler: “Até 1939, após a falência, meu pai trabalhou como escriturário e ao mesmo tempo, parcialmente, como caixeiro-viajante, primeiro na empresa Toczkała, depois na Skowrońscy em Poznań”.²⁷

Essas mudanças de informações tinham o objetivo de caracterizar as origens de Bauman de forma a reduzir seu pedigree “capitalista”. Na Polônia do pós-guerra, ser filho de alguém que fora dono de um negócio ou comerciante de mercadorias — por consequência, um burguês e capitalista — era um enorme obstáculo a uma progressão de carreira, especialmente no Exército, no Partido Comunista e em outras instituições importantes. Ser caixeiro-viajante ou escriturário era muito melhor do que ser um capitalista. Esse foi um dos temas delicados na biografia de Zygmunt, na perspectiva de seu lugar na hierarquia polonesa do pós-guerra. No final da década de 1940, o problema não era tanto sua origem judaica, já que muitos judeus eram membros das instituições em que serviu. A história social e profissional de sua família — sua origem burguesa — era algo muito mais sério.

Maurycy Bauman era originário de uma família instruída. Como Zygmunt escreveu num ensaio particular:

O pai de meu pai era lojista numa aldeia — um galho menor num tronco familiar em que outros troncos (pelo que ouvi) também incluíam alguns rabinos instruídos e *tsadiks* renomados. Começou seu negócio numa pequena aldeia de Zagórow, passando depois para um pequeno centro regional de

Ślupca. Pelo que eu sei, meu avô não tinha educação, a não ser a que recebeu na escola religiosa.²⁸

Zagórow era uma pequena aldeia perto de Ślupca cuja população no fim do século XIX era inferior a 3 mil habitantes, dos quais 20% eram judeus. O avô de Zygmunt havia se mudado para Ślupca antes do nascimento de Maurycy. Dois de seus outros filhos também eram comerciantes, enquanto um terceiro era engenheiro. Todos os três emigraram — o mais velho,²⁹ antes da Primeira Guerra Mundial, para Karlsruhe, e depois para a Palestina; o segundo, Szymon, em 1905, para os Estados Unidos, onde “provavelmente foi dono de uma fábrica” em Little Rock, Arkansas, como relatou Zygmunt num “Currículo explicativo anexo” em 1950;³⁰ e o terceiro, Beniamin, em 1923, diretamente para a Palestina, onde se estabeleceu em Tel Aviv. Maurycy também tinha uma irmã, Zofia Izbicka, que era casada com um vendedor ou agente comercial e emigrou para Lucerna, na Suíça, em 1908. Tais padrões migratórios não eram excepcionais para pessoas que viviam nessa parte do continente naquela época.³¹ A industrialização da Europa Ocidental e dos Estados Unidos atraía um grande número de jovens, que deixavam a insegurança e a pobreza por promessas de uma vida melhor. Não está claro se havia membros remanescentes da família em Ślupca em 1939.

Em seu ensaio particular, Zygmunt lança alguma luz sobre a estratégia educacional da família de seu pai — uma estratégia típica das mudanças sociais que ocorreram nas primeiras décadas do século XX no Leste Europeu:

Com relutância, meu avô concordou em bancar apenas a educação de seu filho mais novo. Meu pai não era o mais novo, de modo que, tal como o

restante de seus irmãos, teve como único professor o *melamed* da aldeia. Mas todos os filhos, com exceção do primogênito, que ficou com o pai na loja, se rebelaram e foram embora, um por um [...]. A rebelião de meu pai tomou outra forma e não incluiu se mudar de lugar. Ele aprendeu um alemão perfeito, um russo decente, um polonês aceitável e noções de francês e inglês, e começou a devorar livros.³²

Maurycy era um “autodidata”, um amante de livros e um sonhador, desajustado para a carreira de lojista ou empresário. A ocupação que lhe foi destinada pelo pai e pela sociedade era compatível com os padrões que regulavam a vida naquela região no início do século XX: um judeu de uma cidade de médio porte devia trabalhar no comércio. Naqueles tempos, também, a regra era que os filhos seguissem a ocupação do pai — essa era a forma mais comum de se escolher uma trajetória profissional. Uma escolha que não era realmente uma escolha.

Como veio de uma respeitável família de empresários, meu pai deve ter presumido que aquele era um bom plano. O dote de minha mãe serviria para dar a partida. O resto ficaria por conta dele. Talvez ninguém tenha prestado muita atenção. Assim, passou despercebido, creio eu, o fato de que meu pai combinava uma rica vida espiritual com uma espantosa falta de senso prático. Ele queria ser um intelectual, mas queriam que fosse um comerciante. Confundiram inteligência com sagacidade para os negócios.³³

Nesse ensaio, Bauman descreve os pais como um casal que “não combinava”, ou até mesmo “incompatível”. Eles tinham diferentes procedências familiares e estilos de vida, e também vinham de regiões distintas. O pai de Zygmunt desejava uma vida modesta e solitária com foco na leitura e no estudo; a mãe tivera a criação de uma filha de família burguesa numa cidade provinciana com sua parcela de brilho cultural, como Bauman revelaria:

O pai de minha mãe era um dos “pioneiros do progresso” cuja confiança no caráter dinâmico de suas habilidades e de seus feitos era reforçada e multiplicada pela crença no caráter progressista de sua recém-adquirida polonesidade. Minha mãe teve uma educação estritamente polonesa, muito semelhante à que tiveram suas quatro irmãs e o único irmão: ela dominava o iídiche apenas o tanto que não era possível deixar de ouvir nas ruas de Włocławek — e apenas o suficiente para, depois, contar ao marido segredos que não queria que os filhos entreouvíssem. Também foi criada numa atmosfera de formalidade e decoro mais próxima do refinamento polonês do que da tradição da *shtetl* [cidadezinha]. Foi apresentada a novelas românticas, conversas inteligentes e música.³⁴

Embora progressista, no entanto, a família Cohn era governada por um pai despótico (“um patriarca estritamente bíblico”, como Bauman o definiu), e mesmo as ideias liberais aprendidas nas escolas laicas não o impediram de arranjar os casamentos de todas as suas filhas, incluindo Zofia:

Todas se casaram com homens de negócios de sucesso e relativamente bem de vida. Assim fez minha mãe. Ou, pelo menos, era o que se esperava [...]. O incompatível casal oficializou o matrimônio e se mudou para Poznań no [...] momento em que a cidade voltava a ser governada por poloneses após mais de [uma] centena de anos de um sólido governo prussiano-germânico.³⁵

Maurycy, segundo os registros, chegou a Poznań em 1921 e de início morou na rua Masztalarska, com a família Szefer, e alguns meses depois na rua Bukowska, com a família Probański. Foram provavelmente contratos de aluguel. O primeiro endereço era localizado no distrito judaico e o segundo no bairro de Jeżyce, onde, após 1923, a família alugou um apartamento na rua Prusa, 17. A escolha desse endereço refletia a forte crença de Zofia no processo de assimilação:

O desafio de minha mãe à realidade, que se prolongou por toda a sua vida [...], manifestou-se no aluguel de um apartamento numa área residencial que tinha evitado aceitar judeus durante os séculos da tormentosa história da cidade. Era um distrito calmo, limpo, próspero, decoroso e respeitável. Todas as ruas tinham nomes de luminares locais ou nacionais da cultura polonesa e eram habitadas por profissionais liberais, servidores civis, militares, cavalheiros e damas, algumas viúvas de maridos ilustres ainda brilhando com as glórias do passado.³⁶

A escolha do apartamento deve ter sido contra a vontade de Maurycy e uma fonte de sofrimento para ele, que teria preferido permanecer no distrito judaico da Cidade Velha. Mas a principal preocupação do pai de Bauman era sua incapacidade de cumprir o papel de provedor da família, principalmente por sua falta de interesse pelo comércio. “A loja [de têxteis] foi aberta na área comercial da cidade e foi seu inferno e sua prisão [...]. Mesmo antes da Grande Depressão, meu pai declarou falência.”³⁷

Maurycy Bauman tentou escapar da ruína total indo para Paris, onde tentou uma nova empreitada graças a novos empréstimos, promessas e propostas de negócios. Sua ausência foi registrada no cartório municipal como tendo ocorrido entre 22 de setembro e 14 de outubro de 1931.

Zygmunt assim se lembra dela:

Durante sua ausência nos alimentamos por várias semanas com sopa de repolho, cortesia da esposa do zelador, que gentilmente nos cedeu um barril de repolho em conserva que era parte de seu suprimento. Depois de algum tempo chegou um telegrama e ouvi minha mãe — que até então mantinha seu estilo normal, vivaz — soluçando. Nunca li o telegrama, mas sei de cor seu conteúdo. Tendo perdido todo o seu dinheiro para parisienses espertalhões que fingiram lhe alugar uma loja enquanto caíam na gargalhada diante daquele trouxa inocente e infeliz, meu pai perguntava a minha mãe se

ela ainda o queria de volta. Esta é a minha primeira recordação, a primeira plenamente minha, vívida e inalterável: alguém batendo na porta com força [...] e do lado de fora meu pai — a barba por fazer, vestindo um casaco encharcado de água suja e pingando, coberto de capim e lodo.

Ele havia percorrido os escritórios dos comerciantes judeus bem-sucedidos implorando por um emprego, depois caminhara até a bela ponte sobre o rio Warta e se jogara dali: “Um grupo de escoteiros que passava pelo local mergulhou nas águas geladas e tirou meu pai — contra a vontade dele”.³⁸

A falência do pai dominou as memórias de infância de Bauman. Numa entrevista conduzida por Tomasz Kwaśniewski,³⁹ ele contou que o pai havia pulado porque tinha perdido tudo:

Lembro-me de como a mobília foi retirada de nosso apartamento. O oficial de justiça nos visitava com frequência. Mas quando a notícia da tentativa de suicídio se espalhou por Poznań, ele foi contratado, por piedade, como guarda-livros. Ganhava um salário miserável, era discriminado e humilhado, mas de algum modo conseguiu nos manter financeiramente.

Segundo Bauman, Maurycy nunca explicou aos filhos sua tentativa de suicídio, mas

posso compreendê-lo. Havia na época um conceito antiquado de “provedor da família”. Ele tinha uma esposa e dois filhos, precisava alimentá-los e vesti-los e pagar por sua educação. Se não pudesse fazer isso, seria um zé-ninguém, um patife que não merecia viver. Se não fosse capaz de salvar os filhos e a mulher da fome e da humilhação, seria digno de desprezo.⁴⁰

Essa história marcou profundamente a família. A imprensa observou: “Judeu tenta suicídio. Salvo por escoteiros poloneses”.⁴¹ Bauman afirma que foi a incompetência do pai, e não o boicote às lojas de judeus em

Poznań, que causou sua falência. Mas os boicotes, que se ampliariam na era da Depressão, já haviam começado em 1920. Em novembro de 1925, no dia em que Zygmunt Bauman nasceu, o *Kurjer Poznański* publicou um anúncio do “encontro organizacional para união pela defesa da indústria polonesa”.⁴² A ideia de boicotar as lojas e empresas de judeus já era popular⁴³ e se tornou um foco importante do Endecja [Narodowa Demokracja, também conhecido como ND ou Democracia Nacional], o partido antissemita de direita de Dmowski.

Uma vez implementado o boicote, alguns empresários judeus tentaram se esquivar dele estrategicamente, como lembrou Fira Mełamedzon-Salańska: “Contratamos quatro vendedores. Meu pai escolheu apenas poloneses, porque não queríamos que nosso negócio fosse associado a um dono judeu”.⁴⁴ O pai de Mełamedzon-Salańska era um empresário bem-sucedido que possuía os recursos e a astúcia para burlar o boicote. Maurycy, não. As duas famílias pertenciam à classe média, mas os Bauman tinham recursos limitados, insuficientes para um estilo de vida de classe média nesse contexto. Não eram os típicos judeus pobres, que tinham vivido na pobreza por gerações na *shtetl* ou nas cidades, trabalhando em fábricas ou lojas modestas e fazendo pequenos serviços manuais. Eles haviam ficado empacados a meio caminho entre os judeus de classe média e da classe trabalhadora.

“Eu era [...] pobre. Ou seja, meus pais eram pobres”, escreveu Bauman no texto para as filhas:

Não vivíamos na pobreza. Não em comparação com a miséria e a imundície abjetas de alguns quarteirões abaixo, onde oficinas ordinárias esperavam em vão por um cliente perdido e os filhos de trabalhadores desempregados e migrantes rurais chafurdavam na lama de estradas não pavimentadas com os pés descalços. Não me lembro de ter passado fome — mesmo durante as

memoráveis “semanas do repolho”. E no entanto nossa vida era um esforço permanente pela sobrevivência, com minha mãe lutando desesperada para pagar as contas, sempre com pouco dinheiro na segunda metade de cada mês [...]. Eu achava natural que livros, sapatos e meias fossem coisas que se ganhassem de presente de aniversário. Não me lembro de ter brinquedos.⁴⁵

Sendo originários de famílias de classe média, mesmo contando com recursos limitados, Maurycy e Zofia Bauman tinham expectativas culturais que se enquadravam em suas origens sociais, como a convicção de que os filhos deveriam receber uma educação musical. Quando perguntei sobre isso a Bauman, numa entrevista realizada em 2015, ele me disse que a mãe queria que ele tocasse piano:

Tínhamos um pequeno apartamento e ela queria que eu tocasse, e isso é curioso porque, tipicamente, esse era um elemento indispensável na criação de uma filha [...]. Eu tinha uma irmã mais velha, mas ninguém a obrigou a fazer coisa alguma, e eu fui forçado a tocar piano — não sei por quê.⁴⁶

Os garotos das famílias judias de classe média nessa parte da Europa costumavam tocar violino.⁴⁷ Mas Zofia Bauman não seguia necessariamente a moda. Como Bauman contou a Kwaśniewski, “minha mãe era cheia de projetos, ambição e energia. Instruída, devorava livros e fora preparada para uma vida interessante, mas condenada pelo destino a ser uma dona de casa que precisava costurar remendos”.⁴⁸

Zofia vinha de uma região na qual a comunidade judaica tinha uma larga tradição de emancipação religiosa. A primeira escola laica para crianças judias foi inaugurada em 1859 em Włocławek, e o processo de secularização e polonização dos judeus foi muito importante nessa área. Zofia era uma mulher emancipada, atea, instruída, porém em seu

ambiente era percebida como judia... uma judia assimilada, é verdade, mas o que significava isso?

A memória de Mełamedzon-Salańska fornece uma excelente descrição do que significava a expressão “judeus assimilados” naquele tempo e lugar:

Não éramos judeus religiosos, vivíamos como cristãos. Nossa casa não era *kasher* — eu comia presunto e salsicha —, e não tínhamos um jantar no Shabat. Não íamos à sinagoga, embora houvesse uma perto de casa. Nossa loja abria aos sábados, como a maioria dos estabelecimentos de judeus em Poznań. Só nos grandes feriados — Ano-Novo ou Yom Kippur — é que papai fechava a loja, pois seria vergonhoso trabalhar nesses dias [...]. Mas mesmo no Pessach, embora comprássemos *matsá*, também comíamos pão fermentado — algo impensável para os judeus religiosos. E nunca celebramos o Shavuot nem o Purim.⁴⁹

A relação de Maurycy com a religião era, provavelmente, ainda mais distante: “Meu pai era um judeu praticante, mas não um crente. Ele sempre jejuava no Yom Kippur e depois passava o dia na sinagoga — era sua prática”.⁵⁰

Nessas famílias judias polonesas, os avós costumavam ser os veículos da tradição religiosa, e esse também foi o caso do avô paterno de Bauman:

Lembro-me dele como um homem alto e de barba comprida, que seria branca não fossem as manchas amareladas do tabaco. Dificilmente falava polonês ou qualquer outra língua exceto o íídiche. Nossa comunicação, portanto, era limitada. Ele insistia em me ensinar a Bíblia, sobre a qual eu tinha apenas ideias vagas. Como eu não conseguia ler nem entender hebraico, e o conhecimento de polonês de meu avô se reduzia às poucas palavras necessárias numa vida passada sobretudo num balcão de loja, a Bíblia

continuou sendo para mim um mistério total muito depois das instruções religiosas ministradas por meu avô.⁵¹

Essa era a visão típica de um judeu polonês do século XIX que vinha de uma cidade pequena — muito diferente da visão da geração seguinte, a que Maurycy pertencia, na qual crescia o ideal sionista.⁵² “Ele acreditava na ideia do sionismo”, contou-me Bauman sobre o pai. “Pelo que me consta, ele era um sionista, e o que foi antes do meu nascimento eu não sei, mas suponho que também tenha sido um sionista.” Antes da Segunda Guerra Mundial, o sionismo era acima de tudo um sonho, raramente realizado. Bauman me contou uma piada que circulava entre os judeus naquela época: “O que é um sionista? É um judeu que usa outro judeu para enviar um terceiro judeu à Palestina”.

No ensaio que escreveu para as filhas, ele diz:

Acho que o sionismo de meu pai — sincero, permanente e fundamental para sua visão de mundo — era parte de sua rebelião, *era* sua rebelião [...]. O Sião era algo que não comportava a escuridão e a sujeira da *shtetl*, a ambição e a indiferença, a avareza ou pessoas transformadas em animais de tração. Uma espécie de irmandade e generosidade universal [...]. Ele não encontrou seu Sião em Israel quando finalmente se estabeleceu lá. Essa foi sua suprema derrota.⁵³

Maurycy teria gostado de fazer sua Aliá,⁵⁴ mas Zofia se recusava. Não era uma entusiasta da ideia de emigração, como me contou seu filho. Mas Janina, esposa de Bauman, dá uma outra versão em sua autobiografia:

Zofia me fez uma visita de surpresa [...]. Com muito desassossego, ouvi a triste história de sua família. Tanto quanto ela podia lembrar, começou Zofia, seu marido sonhara em emigrar para a Palestina. No final da década de 1930,

eles consideraram seriamente a possibilidade de se estabelecerem lá. Sua filha Tova queria ir. Konrad [Janina se refere a Zygmunt como “Konrad” na edição em inglês do livro] era muito novo para que lhe perguntassem; Zofia, embora hesitante, nunca se opôs. Eles estavam para partir quando a guerra começou.⁵⁵

Zygmunt já frequentava a escola primária antes do início da guerra. Sua experiência apresentava um grande contraste em relação à vida familiar: “Por toda a infância, eu estive mergulhado no amor caloroso de meus pais. Ele mantinha o frio do lado de fora. Se pensarmos bem, havia todo tipo de motivo para sentir frio”.⁵⁶

2. Um aluno como nenhum outro

Poznań (1932-9)

Em nossa terra natal, joelhos se dobram
A quem quer que seja mais poderoso
Aos subjugados — desdém e escarro
Enquanto são levados ao matadouro [...]

Em nossa terra natal, Deus não se rebaixa aos
estrangeiros da fé
Minha terra natal toma o mundo inteiro
No abraço da cruz [...]

Embora favorecidos pela neblina do anoitecer
E pela noite sem estrelas
Como é que você me afasta de uma terra natal
Que você nem conhece?

ANTONI SŁONIMSKI, “Duas terras natais”¹

O mundo fora da família: Um judeu solitário

Os Bauman falavam polonês em casa e viviam praticamente da mesma forma que a maioria dos moradores de Poznań. Mas não eram católicos, o que fazia toda a diferença. “Pelos padrões poloneses”, escreveu Bauman em seu ensaio autobiográfico,

Poznań era uma cidade verdadeiramente excepcional. Conseguia combinar uma ausência quase total de judeus com os mais injuriosos sentimentos antissemitas [...]. Poznań se tornou o centro cerebral e a fortaleza do

Democracia Nacional — um partido que conseguiu cativar a mente e a alma do resto do país com a encantadora visão de uma vida sem judeus. A sofisticação de seus esquemas teóricos se beneficiava enormemente da falta de oportunidade de aplicá-los na prática.²

“Para se tornar polonês, era preciso ser católico, ou pelo menos cristão”, afirma Anna Landau-Czajka, especialista no processo de assimilação.³ Teria feito alguma diferença se os Bauman tivessem se convertido ao catolicismo? Conversões sempre geram suspeitas, e os ultranacionalistas não as aceitavam. Em suma:

A assimilação não era uma questão de crença pessoal nem de um conhecimento perfeito da cultura, da língua, dos costumes e das tradições familiares poloneses. Dependia apenas da boa vontade do povo polonês.⁴

Em função do desejo de Zofia de viver numa área católico-polonesa de Poznań, a família se mudou para Jeżyce e matriculou o filho numa escola primária polonesa que ocupava um prédio inteiro na rua Słowacki, onde Zygmunt era o único judeu. A escola ainda estava lá quando Bauman voltou ao lugar, em 2000. “Nada mudou”, disse-me ele. “Até caminhei pelo pátio — ele me pareceu terrivelmente pequeno, e quando criança me parecia imenso.” O pátio continha intensas memórias da infância, lembrou Bauman em nossa conversa, sem muito lamento ou elaboração: “Fui discriminado lá”. A Kwaśniewski, ele disse:

Eu não praticava nenhum esporte, porque não ousava ir ao pátio. Se fizesse isso, não chutaria a bola, mas seria chutado como se fosse uma. E não apenas porque era um menino gordo, mas porque era judeu [...]. Eles me batiam e chutavam, e eu tinha medo de sair à rua.

Como ele sabia que era o único judeu em Jeżyce? “Se houvesse outro, os valentões teriam me dito.”⁵

Bauman sofreu um assédio muito íntimo nas mãos de seus perseguidores adolescentes:

Eles pareciam competir entre si pelo privilégio de caçar. Eu era uma presa muito rara para ser dividida com outros. A gangue que estava no comando num determinado momento desempenhava um papel duplo, o de meus caçadores e meus protetores — contra os esquemas furtivos das gangues rivais [...]. Nos cumprimentávamos com algo parecido com alegria: uma amostra do velho e familiar ritual em que todos os atores conhecem bem seus papéis e tudo se passa conforme o planejado, confirmando, mais uma vez, que o mundo é um lugar ordenado e, no geral, seguro para se estar.⁶

Em seus tempos de juventude, mais ou menos dos sete aos treze anos de idade, Bauman desempenhou esse notável papel de “presa amiga”. Sua existência permitia que os garotos das gangues realizassem o “ritual de perseguição aos judeus”, que os habilitava a se tornar “poloneses patriotas”. Como o traço mais importante dessa identidade nacionalista era o antissemitismo, os garotos afirmavam seu compromisso com a “defesa da polonesidade” caçando o judeu. Seu comportamento refletia as preocupações da sociedade adulta. Na maior parte dos meios de comunicação locais durante o entreguerras — incluindo o já citado *Kurjer Poznański* —, o principal assunto era o “problema judaico”, e todos os eventos discriminatórios, distúrbios universitários e pogroms que ocorriam em diferentes territórios da Polônia eram analisados de uma perspectiva antissemita. Essa posição refletia as opiniões do Endecja,⁷ partido de Dmowski. Caçar judeus era uma atividade típica das gangues de jovens que lutavam por um lugar no espaço urbano.⁸ Talvez fosse um treino para uma participação posterior em pogroms.

Segundo relatos de membros da família, o trauma dessas primeiras experiências era facilmente redespertado em Bauman ao longo de toda a sua vida. Perto dos noventa anos, por exemplo, uma vez ele perdeu o equilíbrio e caiu num espaço público. Quando pessoas à sua volta tentaram segurá-lo pelos braços para ajudá-lo a se levantar, reflexos que ele havia incorporado durante a infância nas ruas de Poznań afloraram, e ele empurrou quem o estava ajudando. O trauma, o medo de ser uma presa, era duplamente forte porque estava vinculado a sentimentos extremos de insegurança.

“O mais traumático dos encontros com meus perseguidores pesou pelo resto de minha infância, afastando para sempre o véu da falsa segurança”, escreveu Bauman às filhas.

Um dia, minha mãe, tendo acabado de fazer compras, veio me pegar depois da aula. Os então detentores do privilégio da caça — dois adolescentes desempregados... — estavam em seu lugar de costume, e nós quatro pegamos a mesma rua. Os dois ficaram alguns passos atrás, mas fora isso sua atitude não foi afetada pela presença de minha mãe. Eles fizeram os gestos de sempre e então começaram, numa sequência previsível, com todos aqueles sons já habituais. Olhei para minha mãe. Ela me manteve perto, mas abaixou a cabeça, fixou o olhar nos paralelepípedos e evitou lançá-lo à nossa escolta. De repente, percebi: minha mãe, a todo-poderosa e onisciente, não tinha o poder de me defender, não sabia o que fazer! Estava humilhada, com medo! Dali por diante, e por muitos anos, vivi com medo.⁹

Mesmo o lar era apenas um lugar de segurança relativa. Um dia (como relembra Bauman em seu ensaio autobiográfico), Zofia chamou uma pessoa para criar um sistema suplementar de segurança para a porta do apartamento:

Daquele dia em diante também desenvolvi uma obsessão. Eu não ia me deitar sem primeiro abrir a porta da frente e perscrutar silenciosamente o entorno para garantir que não havia bandidos deitados à espreita na escada. Mas mesmo esses esforços para afastar meus temores não eram suficientes para impedir os pesadelos.¹⁰

Muitos livros contam as histórias de sobreviventes do Holocausto e seus traumas do pós-guerra, suas obsessões e sentimentos de insegurança. No caso de Bauman, o trauma do tratamento antissemita começou muitos anos antes da Segunda Guerra Mundial, num país considerado relativamente democrático, durante um período de paz e certa prosperidade.¹¹

A família e o lar eram os antídotos para a discriminação constante. Bauman vivia num lar modesto, mas caloroso; o pai e a mãe o cobriam de amor. Sua primeira esposa, Janina Bauman, cujo sobrenome de solteira era Lewinson, descreveu Maurycy Bauman como uma pessoa discreta que “nunca falava muito, nunca se queixava, nunca queria alguma coisa para si mesmo”.¹² Era o oposto da mulher, que, no primeiro encontro entre as famílias Bauman e Lewinson, em 1947, foi lembrada por Janina da seguinte maneira:

A pessoa exuberante que nos cumprimentou à porta encheu nosso coração de encanto e temor desde a primeira vez que a vimos. Tinha cinquenta e poucos anos e era corpulenta, e usava um vestido todo preto enfeitado com um pesado colar de âmbar. Seus longos brincos também de âmbar emolduravam um rosto pálido de surpreendente beleza. O cabelo era ligeiramente grisalho, a pele lisa e macia, e os olhos sábios, verde-garrafa, fixaram-se em mim com atenção. O modo como ela se movia e falava continha um vigor juvenil.¹³

Zofia era claramente a força motriz da família, e o filho era sua única felicidade, como transparece no ensaio de Zygmunt para as filhas: “Para

minha mãe, eu era a única companhia na maior parte do dia, e talvez a única promessa de que a vida talvez pudesse ser mais interessante e agradável no futuro”.¹⁴ Pelo que deduzi de minha única entrevista com Bauman, Zofia parece ter sido uma mãe exemplar, bem-educada, de mente aberta, curiosa e cheia de vida — e também uma excelente cozinheira.

Na cozinha havia um forno com o fogo sempre aceso, quente. Minha mãe cozinhava e eu, sentado à mesa da cozinha, fazia meu trabalho de casa, e a cada estágio do preparo ela se dirigia a mim: “Prove isso, meu doce”. O doce provava e engordava [...]. Quando garoto, eu era gordo e sofria por isso. Era ridicularizado, fácil de reconhecer. A obesidade não era tão presente quanto é hoje.¹⁵

Além da estigmatização causada pelo antissemitismo, o corpo do jovem Zygmunt também o sujeitava à discriminação, ainda que não no mesmo grau. Ser gordo não era nem de longe tão estigmatizante quanto ser judeu. Como ele escreveu às filhas:

A judaicidade era para mim quase que um assunto de família — os únicos judeus que eu via e conhecia eram parentes. Isso tornou minha judaicidade um tema prático em vez de teórico. O que o tornava ainda mais prático era o mundo fora da família. Eu raramente ouvia outros garotos que passavam pela rua fazerem comentários sobre meu peso; mas muito poucos deles deixavam de sinalizar que haviam notado meu judaísmo.¹⁶

Apesar de tudo isso, sendo uma exceção na escola católica e na cidade, sua situação era

segura e, curiosamente, prazerosa. Para meus colegas de escola, eu era “nosso próprio judeu” e “nosso próprio gordinho”, o que lhes dava direitos, além de

deveres [...]. Eu não me sentia vitimizado nem escolhido para um tratamento especial.¹⁷

Se Bauman não se sentiu vitimizado na escola primária, isso aconteceu porque seus professores gostavam dele e encorajavam seu progresso. Já nos primeiros anos de estudo, ele ensinava os alunos mais fracos. Entretanto, devido a sua condição particular de judeu, era excluído das atividades extraclasse, organizadas pela Igreja católica. O jovem Zygmunt buscou a clássica saída para crianças solitárias e perseguidas: os livros. Assim escreveu o autor de mais de oitenta deles:

Os livros, que por muitos anos foram meus únicos amigos, eu pegava emprestados de uma biblioteca que ficava a poucos quarteirões de distância. A Associação para a Leitura Popular era uma organização sem fins lucrativos voltada a tornar os livros acessíveis a pessoas que não podiam comprá-los.¹⁸

A intensa leitura seria uma característica de Bauman por toda a vida. Ele começou lendo “livros para meninos”:

Todas as obras de Fennimore Cooper, Jack London, Zane Grey, Karl May, Júlio Verne, Robert Louis Stevenson, Alexandre Dumas — e entre os autores poloneses, Kornel Makuszyński. Depois, todos ou quase todos os clássicos poloneses em prosa e poesia (Mickiewicz, Prus, Sienkiewicz, Żeromski, Orzeszkowa, Słowacki etc.). Dois ou três anos antes de fugir de Poznań, dei adeus à literatura infantil. Victor Hugo, Charles Dickens e Liev Tolstói foram meus novos aperitivos.¹⁹

Sempre que as circunstâncias permitiam, ele lia — de maneira intensa, talvez até compulsiva — da mesma forma que o pai lhe dera como exemplo: como uma fuga de uma vida que doía muito. O amor aos livros foi um legado precioso que ele recebeu dos pais, que, embora

não combinassem, eram unidos pelo amor à literatura. Durante a infância, via os pais lendo durante horas e com grande prazer. Maurycy e Zofia lhe ensinaram o valor dos livros por meio do amor que eles próprios lhes dedicavam.

Livros inspiram sonhos, e, como todas as crianças, Zygmunt tinha sonhos para o futuro. A Tomasz Kwaśniewski, ele disse:

— Eu tinha planos muito ambiciosos porque desejava ser cosmólogo ou cosmonauta.

— Você queria voar?

— Queria explorar, entender como tudo isso aconteceu, de onde é que veio.²⁰

Zygmunt sonhava em fugir da difícil realidade de ser um “escolhido” — uma criança estigmatizada que não teria suas habilidades ou resultados recompensados pela escola, cujos colegas eram quase sempre os garotos que viviam em seu encalço e que estava condenada à solidão por conta de suas origens. Ele também sonhava em ter um cachorro — uma vontade muito comum em filhos únicos ou crianças com irmãos muito mais velhos. Seus pais recusaram, preocupados com sua segurança. Um cachorro seria um bom amigo, mas os passeios diários, mesmo perto de casa, iriam expô-lo com maior frequência a ataques antissemitas.²¹

Na condição de judeu, Zygmunt estava numa situação excepcional. As crianças judias viviam principalmente em torno da rua Wielka, no centro da cidade. A segregação espacial era comum na maioria das cidades polonesas, consequência de leis antigas que limitavam onde os judeus podiam viver ou de padrões tradicionais que permitiam aos judeus caminhar no Shabat até suas sinagogas, escolas religiosas, lojas e outras instituições. No distrito judaico de Poznań, as crianças

frequentavam escolas religiosas cheder e yeshivá — não havia escolas judaicas laicas como as de Łódź ou Varsóvia, que possuíam uma rede de escolas Tsysho²² criada e dirigida pelo partido socialista judeu, o Bund.²³ Essas instituições defendiam a língua e a cultura iídiche como idioma nativo dos 3 milhões de judeus do país. “Matemática, literatura, história, ciências biológicas e outras disciplinas em minha escola eram ensinadas em iídiche”, lembrou Włodzimierz Szer,²⁴ nascido em 1924 na cidade de Varsóvia. “Todo dia havia também aulas de língua polonesa.”²⁵

Evidentemente, as crianças judias que frequentavam esse tipo de escola estudavam num ambiente livre de perigos, discriminação e humilhação. Foi a experiência de Marian Turski,²⁶ um ano mais nova que Bauman, que frequentou a melhor escola de Łódź, uma instituição judaica de ensino médio que atraía filhos da elite. Sem dúvida havia antissemitismo em Łódź e Varsóvia, lembrou Turski, mas “nunca tivemos esses problemas na escola!”. A maior parte dos estudantes poloneses de origem judaica vivia e estudava cercada de outros alunos, vizinhos e professores da mesma comunidade.²⁷

Bauman, por sua vez, aceitou o tratamento diferente como uma realidade, um tipo de lei superior que estruturava a vida de um judeu. Seus professores reconheciam suas habilidades, a ponto de pedirem que ele ensinasse os colegas mais fracos. Esse foi um aspecto positivo dessa realidade, um estímulo e um reconhecimento favorável. E Bauman gostava da escola, apesar de seu lado sombrio. Essa situação iria mudar depois de terminar o ensino fundamental, em junho de 1938. No verão seguinte, ele vivenciou uma mudança significativa. Zygmunt fez os exames de admissão para o ginásio e sua irmã Tosia (diminutivo de Tova) emigrou para a Palestina.

A irmã de Zygmunt: Teofila-Tova-Tosia e o destino de sua geração

“Quando eu nasci, meu pai e minha mãe parecem ter ficado tomados de alegria, o que encheu de desespero minha irmã sete anos mais velha”, relataria Bauman.

Ela viu corretamente uma perigosa competição em alguém que era ao mesmo tempo do sexo masculino e mais novo (e que com toda a probabilidade seria o caçula). E não aceitava dividir a atenção dos pais, até então absoluta. Como se viu, suas piores premonições se tornaram realidade. A atenção deles continuou absoluta, só que agora voltada em outra direção.²⁸

Essa é uma típica história da chegada de um segundo filho numa família organizada em torno de um único descendente. Em muitas culturas, quando o segundo filho é um menino e o primeiro uma menina, esta incorre numa situação difícil, e assim foi com Tosia: “Ela [a mãe de Bauman] não investiu muita expectativa em minha irmã; ela era menina, e a única coisa que uma menina podia almejar era um bom casamento”.²⁹

Teofila, que todos na família chamavam de Tosia, formou-se em 1938 numa escola de jardinagem, uma instituição voltada à preparação de jovens judeus para a vida no kibutz e organizada por grupos comunitários sionistas como a ORT³⁰ (Organizacja Rozwoju Twórczości Przemysłowej Rzemieślniczej i Rolniczej, ou Organização para o Desenvolvimento do Artesanato e da Agricultura), o Hechaluc³¹ e o Gordonia.³² Estava ficando difícil sair da Polônia naquela época. Os candidatos à Aliá eram muitos, e o número de vistos para a Palestina, limitado; a emigração para os Estados Unidos, o Canadá e a França também era difícil para quem não tinha recursos nem o apoio

significativo de um parente que morasse no exterior. E, evidentemente, depois de 1935 o êxodo maciço de judeus alemães constituía um elemento importante da imigração para esses países, tornando difícil que outros conseguissem apoio.

A jovens como Teofila-Tova-Tosia, com dezenove anos à época, faltavam opções na Polônia. A irmã de Bauman concluiu seu curso um ano depois de a Associação Polonesa de Jardinagem encerrar sua reunião de maio de 1937 com duas resoluções: introduzir a exigência³³ de que os jardineiros reconhecidos na Polônia fossem arianos e exigir que os jardineiros poloneses se recusassem a comprar ou vender produtos de ou para judeus. Em todo caso, não havia judeus vinculados à associação.³⁴ Teofila Bauman, obviamente, não podia esperar conseguir um lugar na profissão de jardinagem; tampouco haveria para ela um posto nas universidades polonesas, caso desejasse prosseguir em seus estudos — não porque fosse mulher, mas porque era judia. Nenhuma escola de ensino médio de Poznań daria um diploma que possibilitasse a um estudante judeu frequentar uma universidade, e mesmo aqueles com um diploma não entrariam na Universidade de Poznań, que havia imposto estritamente uma regra *numerus nullus*,³⁵ segundo a qual nenhum judeu seria aceito como aluno.

Embora se costume imaginar o ambiente universitário como um espaço de liberdade e lutas por direitos humanos, as universidades polonesas, a partir da década de 1920, eram arenas de repressão. Os postos importantes em suas organizações estudantis e no corpo docente eram ocupados por grupos de extrema direita, fascistas e antissemitas. As reações à onda antissemita na comunidade judaica eram multifacetadas.³⁶ A limitação da presença de judeus nas universidades era motivo de importantes conflitos políticos no Ministério da Educação

Superior, no Parlamento, nas universidades e dentro de vários grupos políticos.³⁷ Pouco a pouco, normas racistas foram sendo implementadas nos últimos anos da década de 1920 e no decênio seguinte, com a situação se tornando extremamente tensa após a morte, em 1935, de Piłsudski, líder popular polonês que se opunha de maneira firme ao Eudecja de Dmowski. A morte de Piłsudski abriu caminho para o domínio do Eudecja e de sua afiliada, a Młodzież Wszechpolska (Juventude Polonesa), que transformou a educação superior no país num ambiente largamente antissemita. Nessa época, era forte a colaboração com universidades alemãs, e as universidades polonesas recebiam o tempo todo “personalidades” como Hans Frank ou Joseph Goebbels (ambos fizeram discursos na Universidade de Varsóvia). As manifestações de fascismo e antissemitismo eram tanto institucionais quanto pessoais, com a hostilidade se estendendo a outras minorias, como os ucranianos.³⁸ Entre os estudantes, a aliança à causa antissemita era simbolizada pelo uso de uma faixa verde (uma ação organizada pela Liga Zielonej Wstążki, a Liga da Faixa Verde), que mostrava que seu portador não era judeu e impunha os “bancos do gueto” — espaços separados obrigatórios para judeus, muitas vezes obrigando-os a ficarem de pé enquanto os cristãos permaneciam sentados.³⁹

Por sua vez, a administração da universidade marcava com um selo especial os documentos de identificação dos judeus, e as fraternidades eram separadas etnicamente.⁴⁰ As normas segregacionistas foram impostas pelos reitores, e a maioria dos professores não se opôs a sua implementação. No final da década de 1930, porém, alguns atos de resistência individuais e coletivos a esses regulamentos racistas foram organizados por estudantes e professores não judeus. Cartas de protesto contra os bancos do gueto foram assinadas por alguns docentes,⁴¹

enquanto outros professores⁴² e o reitor da Universidade de Lwów, Stanisław Kulczyński, recusaram-se a se sentar enquanto os judeus estivessem de pé, ou a começar as aulas com as normas racistas em vigor. Alguns alunos não judeus tentaram proteger seus colegas judeus e professores “pró-judeus”,⁴³ os quais com frequência eram alvos de agressões e outras pressões por parte da maioria dos alunos. Houve distúrbios em várias universidades, obrigando os reitores a fechar as instituições a fim de restaurar a paz.⁴⁴ O preço de mantê-la, porém, costumava ser a aplicação de normas racistas. O *numerus clausus* limitava o acesso de judeus às faculdades mais populares, cuja matrícula deveria refletir sua proporção na população geral. Os estudos de medicina eram particularmente difíceis de seguir, mesmo para os que tinham a sorte de conseguir se matricular, devido a uma regra que exigia a separação “étnico-religiosa” nos cursos de anatomia e fisiologia (não se permitia que judeus dissecassem corpos cristãos). Não surpreende que a grande maioria dos judeus poloneses estudasse no exterior. A França, a Suíça, a Bélgica e até a Áustria eram os principais destinos antes da ocupação nazista.

Em Poznań, após vários protestos estudantis (em novembro de 1931 e março de 1933), foi imposto o *numerus nullus* e o espaço universitário ficou “limpo” de judeus. Tais eventos, bem como esse período turbulento na universidade, exerceram forte influência sobre todo o setor educacional. Os ginásios, ou escolas de ensino médio, também implementaram regras pró-arianas. Cinquenta anos depois, Bauman assim relembrou esse clima de antissemitismo:

Nos anos imediatamente anteriores à guerra, o antissemitismo tornou-se mais venenoso e difundido [...]. Líamos sobre a crescente violência física, os espancamentos de judeus nas universidades, os minipogroms em número

cada vez maior nas áreas rurais e cidades provincianas, tropas que se autodenominavam fascistas marchando por *shtetls* judaicas, sob o olhar extremamente apático de uma polícia ansiosa por não se envolver.⁴⁵

Essa era a situação no momento em que Teofila Bauman emigrou. Ela não tinha recursos, já que a situação financeira dos pais não lhes permitia guardar dinheiro. Segundo relatos de parentes, Teofila não tinha interesse em continuar os estudos. Seguindo a tradição da época (todas as irmãs de Zofia haviam se casado por meio de casamenteiros), Zofia começou a procurar um marido para ela,⁴⁶ e encontrou um viúvo abastado com dois filhos mais velhos do que Tosia. Era um velho judeu alemão, fluente em alemão e iídiche, mas que mal falava polonês e possuía terras no sul da Polônia. Tosia considerou o arranjo de mau gosto, e a mãe concordou. A busca por um marido recomeçou, agora com um final feliz — o verdadeiro amor.

No verão de 1938, a Exposição Nacional aconteceu em Poznań, e os Bauman alugaram seu apartamento, próximo ao parque (onde hoje se realiza a Feira Nacional de Poznań), a um jovem que viera da Palestina a trabalho. Tosia e seu futuro marido se apaixonaram quase que imediatamente, e quase que imediatamente ela viajou para se casar com ele na Palestina, retornando com o marido e uma bebê (e grávida de outro filho) em agosto de 1939. Graças a seus passaportes britânicos, Tosia e a família conseguiram deixar a Polônia quando estourou a guerra, algumas semanas depois.

Bauman relembra essa história em seu ensaio autobiográfico. Uma versão um pouco diferente aparece em alguns de seus documentos oficiais do pós-guerra. No currículo que entregou em 1949 como parte do requerimento para se juntar ao Partido Comunista, ele declara:

Meus pais a fizeram sair da Polônia para a Palestina, aproveitando a visita de um cidadão palestino, Barzilay Yedidya-Mizrachi.⁴⁷ Ela se casou com ele e continua vivendo na Palestina, onde trabalha no laboratório da fábrica de frutas em conserva Givat Brenner. Ela se divorciou do primeiro marido e é esposa de um motorista de trator, Gabrieli. Tornou-se uma sionista fanática, despertando em meu pai sentimentos nostálgicos sobre um Estado judaico.⁴⁸

Um ano mais tarde, ao preencher um questionário do Exército, Bauman acrescentou: “Ela era sionista e provavelmente se filiou ao Mapai” (grupo socialista com viés pacifista popular entre emigrantes judeus poloneses no final da década de 1930).⁴⁹

Enquanto isso, Zygmunt permaneceu em Poznań, estudando para os exames de admissão ao ensino médio: “A ansiedade em relação aos resultados das provas coincidiu com o ciclônico romance de minha irmã, seu casamento e sua partida abrupta. Foi um longo verão, quente e decisivo”.⁵⁰

O ginásio nos bancos do gueto

Na década de 1930, as escolas públicas primárias da Polônia aceitavam crianças pertencentes a minorias, mas as secundárias, seguindo o exemplo das universidades, aplicavam testes de admissão. Antes da Segunda Guerra Mundial, o ensino médio na Polônia era voltado para a educação de membros da classe média visando carreiras profissionais ou empresariais; os ginásios eram instituições para uma população seleta. Contudo, estudantes judeus vivenciaram nos ginásios públicos muitos aspectos do *numerus clausus*, assim como o ostracismo social e o antissemitismo expressos abertamente por professores e colegas de turma.⁵¹

Em Poznań, somente duas escolas (em seu ensaio, Zygmunt Bauman menciona apenas uma) eram abertas a estudantes judeus. Para ingressar nelas, os candidatos tinham de ser aprovados em exames rigorosos.

Meus pais mal podiam pagar as caras mensalidades de um ginásio [...] mas nem por um momento tive dúvida de que eles fariam qualquer sacrifício para que eu entrasse. Assim, o verdadeiro problema era ser admitido [...]. O Ginásio Estatal Berger era a única escola secundária que estabelecera um *numerus clausus* — limitando o número de alunos judeus de modo que não excedesse a percentagem do grupo na população total da região. Nas condições de Poznań, isso significava menos de 1%.* Eu terminei o ensino fundamental com excelentes notas, mas as chances de admissão eram ainda assim muito reduzidas [...]. Primeiro vinham os exames escritos de literatura polonesa e matemática. Os candidatos que tirassem as maiores notas seriam admitidos; os outros precisariam enfrentar provas orais competitivas. Eu fiz os dois exames escritos. Uma semana depois, chegou a vez das provas orais.⁵²

Devido ao enorme estresse, Bauman não foi bem nas respostas, sendo quase reprovado — quando o diretor do ginásio apareceu de repente, anunciando que seus exames escritos haviam sido ótimos e que ele fora admitido. As emoções causadas por essa situação permaneciam vivas mesmo cinquenta anos depois:

As palavras do diretor, a cara subitamente azeda e desapontada do examinador, as batidas ensurdecedoras de meu coração, as lágrimas de minha mãe, que aguardava apreensiva do lado de fora — tudo se fundiu numa experiência de excruciante felicidade; a memória mais feliz dos meus anos de infância. Minha primeira conquista — unicamente por meus esforços e contra obstáculos avassaladores e insuperáveis.⁵³

Assim, Zygmunt Bauman passou pelo buraco da agulha e se tornou um dos raros alunos judeus matriculados num ginásio público em

Poznań. De acordo com os arquivos escolares do Ginásio Berger,⁵⁴ cinco dos 49 alunos da turma de 1938-9 eram judeus, ou 10% deles, que era a proporção média de “judeus para poloneses” no país (para usar a terminologia do período entreguerras). Três dos cinco foram reprovados nos exames finais do primeiro ano e se tornaram repetentes, deixando apenas Zygmunt e outro colega judeu em sua turma.

Na década de 1930, o Berger era considerado o melhor colégio secundário para meninos em Poznań e em toda a região de Wielkopolska. Segundo o documento que lhe deu origem, escrito por seu fundador, Gotthilf Berger, a escola deveria aceitar alunos sem considerar sua etnia e religião. Podemos imaginar a felicidade dos pais de Zygmunt pelo fato de o filho ter sido admitido nessa instituição de elite. Bauman também ficou feliz, mas logo aprendeu que ter sido aceito na escola não havia alterado seu lugar no corpo estudantil.

Algumas semanas depois chegou o grande dia. Usando orgulhosamente meu boné do Ginásio Berger, esse visível e inegável passo rumo às fileiras da gloriosa intelligentsia polonesa, cheguei à porta da sala do primeiro ano. Não tive tempo de atravessá-la antes de submergir numa avalanche de chutes e socos. Empurrado e puxado por todos os lados, perdi o controle das pernas e me percebi me movendo — ou melhor, sendo movido — para o longínquo canto esquerdo do fundo da sala. Os braços de alguém finalmente me lançaram sobre o último banco. “Este é o seu lugar, judeu! E não se atreva a procurar nenhum outro.”

Levei alguns minutos para me recuperar — ainda mais porque a balbúrdia na sala de aula permanecia inabalável. Só quando recobrei os sentidos foi que percebi que não estaria só naquele gueto a que fora destinado [...]. Havia ali quatro pares de olhos cheios de lágrimas de vergonha, tentando não olhar nos olhos dos outros, que tinham testemunhado sua humilhação [...]. Eu agora pertencia a um grupo, uma categoria, que podia ser classificada e rotulada e tratada de maneira arbitrária.⁵⁵

Bauman não estava mais sozinho nessa situação: agora tinha a companhia de outros jovens sonhadores. A recepção do primeiro dia, e o que se seguiu, tinha a finalidade de os rebaixar, subjugar e envergonhar:

Pelo que me recordo, nenhum dos professores se opôs ao nosso confinamento forçado num gueto. Alguns fizeram questão de manifestar sua aprovação, conferindo aos habitantes do gueto um tratamento especial [...]. O professor de geografia declarou publicamente que o conhecimento que os judeus possuíam só podia ter sido obtido de forma não inteiramente honesta, e teve o cuidado de classificá-lo abaixo do conhecimento semelhante revelado por alunos não judeus [...]. Outros, contudo, desaprovaram de maneira veemente as paredes invisíveis do gueto. Um ou dois — em particular o professor de história — pareceram se constranger de ensinar numa sala de aula segregada. A gradação das atitudes dos professores era replicada entre os alunos. Mas ninguém, fosse entre os professores ou entre os colegas de sala não judeus, tentou desafiar os “fatos da vida”. A divisão era sólida e permanente, uma vez que aqueles que desejavam sua manutenção agiam em conformidade com isso, enquanto os que não a aprovavam apenas olhavam.⁵⁶

Essa divisão sólida e permanente se refletia nas notas atribuídas nessa seleta instituição, em que ser aprovado para a série seguinte era um desafio. Oito dos 49 alunos da turma de Bauman não concluíram o primeiro ano (um por problemas de saúde, outro por motivos financeiros) e cinco abandonaram a escola no ano seguinte. A nota média, numa escala de um a cinco, era três, e apenas seis estudantes obtiveram nota quatro, ou “boa”, e só um obteve nota cinco. A pontuação de Zygmunt Bauman foi a segunda mais alta da turma. E ainda assim, acreditava ele, seus professores o discriminavam. Um deles explicou a Zygmunt que gostaria de ter lhe dado uma nota mais alta, já

que ele a merecia, mas “você sabe muito bem que, com sua origem, isso é impossível. Você não pode ser o primeiro da turma. Esse lugar é reservado a um garoto polonês”.⁵⁷

Nota por nota e matéria por matéria, a comparação dos resultados de Bauman com os de seus principais concorrentes confirma essa afirmação. O primeiro da turma, Kazimierz Skrzypczak, teve média 4,4, enquanto a de Zygmunt foi quatro. Skrzypczak chegou ao fim do ano em primeiro lugar em todas as matérias exceto educação física, desenho e trabalhos manuais. Bauman não conseguiu a melhor nota em religião (cujo foco era o catolicismo), e tirou quatro em geografia e desenho. Está claro que seu professor de geografia acreditava que os alunos judeus não obtinham seu conhecimento “de forma inteiramente honesta” — ele avaliava o progresso de Zygmunt com desconfiança, embora a nota obtida por Zygmunt em comportamento desmentisse essa suspeita: ele tirou a nota máxima, cinco. Ele também atingiu a pontuação máxima em língua e história polonesas, assim como em latim, biologia e matemática. Aos catorze anos, Bauman começou a estudar inglês, e obteve em dois semestres a nota máxima na língua que seria seu terceiro idioma falado com fluência nos últimos anos de vida. Em trabalhos manuais e educação física ele tirou três — confirmando sua condição de nerd. Todos pareciam saber que, qualquer que fosse a qualidade de seu trabalho, se você fosse judeu nunca seria o primeiro da turma.

Esse era um “fato natural da vida” (como Bauman cinicamente descreveu essa permanente discriminação), parte do retrato negativo da comunidade judaica transmitido nas escolas polonesas. Como afirmou o historiador Kamil Kijek:

Nos livros didáticos para os alunos mais novos das escolas públicas, as minorias nem sequer aparecem. Nos para as turmas mais velhas, os judeus são representados de forma inequivocamente negativa [...]. O judeu era claramente um estrangeiro. Os textos não os incluíam como cidadãos comuns ou membros plenos de sua pátria.⁵⁸

Na escola secundária, a situação de Bauman melhorou e piorou ao mesmo tempo. Piorou porque o ambiente da escola era muito mais agressivo, e melhorou porque alguns adolescentes compartilhavam sua identidade — um pequeno grupo de “outros” com os quais compartilhava a estigmatização, o isolamento e o tratamento discriminatório. Bauman recordaria cinquenta anos depois:

Passar a ser membro de um grupo, compartilhar minha condição com outros de uma forma “predestinada” que nem eles nem eu podíamos contestar, mudou minha vida da maneira mais radical. Subitamente deixei de ser um caso solitário, uma pessoa deixada à própria sorte, que só podia contar consigo mesma.⁵⁹

Aos treze anos de idade, depois de ser aprovado com excelência num exame muito competitivo para uma escola de elite, Zygmunt precisava aprender a se sentir menos humano. Tanto vítimas quanto agressores aprendiam com esse processo destrutivo que preparava as vítimas para sofrer ataques e ensinava aos jovens pertencentes ao grupo dominante que as pessoas dos bancos do gueto eram menos que humanas. Era uma prática generalizada — “óbvia”, “natural”. O racismo seguia os judeus por toda parte, a cada passo de suas vidas — do nascimento, passando pela escola, universidade, empresas e instituições, até a vida profissional. Não surpreende, assim, que durante os anos da ocupação alemã eles tenham sofrido a hostilidade ou a simples indiferença de seus vizinhos.

O processo de transformá-los em menos que humanos havia começado anos antes da Segunda Guerra Mundial e contribuiu para o Holocausto. O racismo institucional se espalhava a cada dia, passo a passo⁶⁰ — trazendo novas e cada vez mais severas restrições.

Essa doença abrangente e mortal não envenenou apenas a sociedade polonesa. Vários países da Europa sucumbiram aos encantos de ideologias fascistas e nacionalistas. Cada um deles — Alemanha, Itália, Espanha, Polônia, Romênia, Hungria — sonhava com uma grande pátria habitada por uma raça “pura” formada por um único grupo étnico. Foi esse o estúpido sonho que resultou na Segunda Guerra Mundial. Em Poznań, os atos de protesto contra esse tratamento desumano foram raros e débeis. E no outono de 1938, especialmente após a Noite dos Cristais,⁶¹ a situação piorou. Com milhares de judeus alemães fugindo do país, o governo alemão deportou milhares de judeus poloneses através da fronteira com a Polônia, onde a maioria permaneceu em campos de refugiados semelhantes a prisões na cidade de Zbąszynek. Por vários meses, a partir de outubro de 1938, o governo polonês criou obstáculos para receber essa população, afirmando que eles não eram genuínos cidadãos poloneses em função de sua judaicidade.⁶² A imprensa antissemita regurgitava o clima reinante em cidades e aldeias polonesas: houve um fluxo intenso de matérias sobre os campos de Zbąszynek, descritos como o início de uma temível e maciça onda de refugiados judeus poloneses e alemães, num contexto de alto nível de desemprego e aumento de impostos. Em Poznań, a cidade polonesa mais próxima de Zbąszynek, o ambiente era particularmente hostil a quem não fosse católico. A atmosfera do Ginásio Berger refletia o ambiente à sua volta — os tratamentos

antisemitas e racistas eram “óbvios”; a maior parte das pessoas (tanto perseguidores quanto perseguidos) os via como normais.

Essa foi uma dura lição de vida que Zygmunt Bauman aprendeu cedo — colegas de escola e professores podiam ser racistas e discriminadores. Włodzimierz Szer, matriculado numa escola secular judaica em Varsóvia, e Marian Turski, que estudava numa instituição religiosa em Łódź, ficaram livres desse sentimento no início de suas vidas, assim como muitos jovens judeus poloneses. Zygmunt Bauman, porém, sentiu suas origens minoritárias praticamente desde o berço. Entretanto, em seus últimos meses em Poznań, ele pelo menos encontrou seu grupo de referência e pôde compartilhar experiências similares com amigos que também se sentiam “menos humanos” na escola — pessoas com as quais podia compartilhar seus sonhos de um futuro em que não houvesse discriminação racial.

Pertencimento: Um *szomer* na Hashomer Hatzair

A Hashomer Hatzair [Jovem Guarda] era uma das organizações sionistas mais influentes no período entreguerras, embora não aspirasse a se tornar um movimento de massas. Seus membros, os *szomers*, eram obrigados a trabalhar pela implementação do programa sionista promovendo fundos nacionais judaicos, ensinando a língua hebraica e, finalmente, fazendo a Aliá, seguida do trabalho nos kibutzim [fazendas coletivas] na Palestina. A Hashomer Hatzair estabelecia uma vanguarda nacional de judeus ao promover a amizade fiel e um senso de irmandade e laços familiares entre seus membros.⁶³

Bauman não precisava substituir a família, mas certamente procurava amizades e, como a maioria dos adolescentes — sobretudo os que eram

excluídos na escola —, uma turma.⁶⁴ E foi assim que Zygmunt se filiou a uma organização de jovens sionistas que realizava encontros no salão de uma sinagoga fechada na esquina das ruas Dominikańska e Szewska. Era uma

sala decrépita num dos prédios que envelheciam placidamente nas poucas ruas à esquerda do antigo bairro judeu.⁶⁵ Lá encontrei vários meninos e meninas mais ou menos da minha idade. Juntos, formavam o braço de Poznań da Hashomer Hatzair. O resto era uma confusão. Eu agora estava num grupo que me aceitava por nenhuma outra razão a não ser a incapacidade de se livrar de mim. Os outros meninos e meninas não eram “casos especiais” [...]. Eu não era mais um caso especial. Nós conversávamos, discutíamos, dançávamos, brigávamos, nos comportávamos de uma forma que eu imaginava estar reservada apenas às pessoas normais, das quais, evidentemente, eu não fazia parte. Dentro do espaço delimitado por aquelas paredes descascando eu era tudo que não podia ser lá fora. Comi o fruto proibido da árvore da liberdade, e me ocorreu então que a vida podia ser diferente do que era — não apenas duas tardes por semana. De repente, o mundo não parecia mais inabalável e predeterminado. Nem a escolha parecia ser, como fora antes, entre “pegar ou largar”. Senti que nunca mais aceitaria isso. E não tinha a intenção de “largar”.⁶⁶

O grupo fez Bauman se sentir empoderado, restaurou sua dignidade, sua capacidade de agir, seus sonhos. Isso se entranhou por toda a sua atitude em relação ao futuro e à vida ao seu redor. A partir de então, o tratamento racista não seria mais “natural” — seria algo a ser mudado, consertado, abolido. E as mudanças seriam realizadas pelos membros de uma organização jovem e dinâmica. Esse sentimento era compartilhado por outros *szomers*, que durante os encontros se sentiam livres do peso da enorme discriminação. Fazer parte de uma comunidade judaica religiosa era uma experiência diferente. Bauman havia passado por um

bar mitsvá,⁶⁷ mas isso era considerado um ritual básico — nada especial. Foi a Hashomer Hatzair que formou sua percepção de pertencimento.

“Promovíamos encontros, fazíamos apresentações e recebíamos amigos *szomers* de grupos de Włocławek, Varsóvia ou Kalisz, que vinham dar palestras ou conversar conosco”, lembrou uma *szomer* do grupo de Bauman, filha de um bem-sucedido empresário de Poznań:

Havia cerca de cem pessoas, todas jovens. Dançávamos a *hora*, meninos e meninas, cantando e segurando os braços uns dos outros, girando e batendo os pés com força [...]. E ali nos contavam sobre a situação dos judeus na Palestina! Havia palestras sobre nossa história e cultura. Chegavam cartas dos kibutzim para aqueles que já tinham estado lá [...] isso me despertou um orgulho de ser judia! [...] Até então eu tinha algumas conexões com judeus de quem gostava, mas tinha mais amigas polonesas. Entre os *szomers*, comecei a me identificar como judia. Eu me encontrava entre meus pares e sentia que era um deles. Eu pertencia a algum lugar.⁶⁸

“O mundo que eu desejava colocar no lugar do que existia foi concebido segundo os moldes daquele braço da Hashomer Hatzair”, afirmou Bauman:

Olhando em retrospecto, penso que foi a vida que praticamos, e não a vida que imaginávamos, que se sedimentou na imagem de [um] mundo justo com o qual a partir dali, e até hoje, eu iria sonhar, um mundo que eu buscava ativamente, na ilusão de poder encontrá-lo.

Esse mundo fascinante recebeu o nome de Sião, mas não acredito que esse nome se refira a algum lugar geograficamente definido. Para mim, o Sião se situava nos bosques de Winiary, onde pela primeira vez na vida tive minha parcela das delícias do Dia de Maio,** na companhia segura de meus novos amigos. Sião era o estranho mundo sem valentões. Um mundo em que as pessoas eram queridas ou desprezadas pelo que faziam, e não pelo que eram. No Sião as pessoas eram iguais, a menos que se tornassem outra coisa por si

mesmas. Não havia judeus e gentios, nem ricos ou pobres, nem os que têm e os que não têm. Todos tinham o direito de ser respeitados.⁶⁹

A Hashomer Hatzair era uma preparação para a vida futura, um campo de treinamento para ensinar os *szomers* a se tornarem ativos e a criar uma vida em vez de sofrer ao longo dela, e forneceu uma lição que eles guardaram para sempre, pelo menos no caso de Bauman. Ela foi um ponto de inflexão, uma nova vida, uma transformação permanente,⁷⁰ que inspirou em Bauman a paixão por fazer do mundo um lugar melhor, com uma orientação socialista. O período da Hashomer Hatzair também correspondeu a uma época de transformação física para Bauman: ele se tornou um jovem magro, e assim continuaria por toda a vida. A felicidade, porém, durou pouco. Em setembro de 1939, começou a guerra.

De minha breve experiência com a Hashomer Hatzair, que mal chegou a durar um ano, eu saí determinado a mudar o mundo. E me tornei socialista. E magro. Com efeito, durante esses seis meses decisivos, perdi toda a gordura. Logo depois, perdi meu lar — para sempre. E minha terra natal — pela primeira vez.⁷¹

* A porcentagem a que Bauman se refere diz respeito aos critérios específicos de Poznań. O Ginásio Berger, contudo, seguia o *numerus clausus* das escolas secundárias de todo o território polonês (ou seja, 10%). (N. E.)

** Antigo festival de primavera da Europa medieval, geralmente celebrado em 1º de maio. (N. T.)

3. O destino de um refugiado de guerra

Poznań-Molodeczna (1939-44)

nós tínhamos nosso Parceiro no deserto
nós rezamos por Ele
nós o estávamos repreendendo
nós não éramos Seu
povo escolhido
nós éramos o Seu único

vocês tinham seus próprios Deuses
e vocês e vocês e vocês
mas vocês gostavam do nosso
e Ele gostava de vocês tão irritantes

quando Ele foi promovido
vocês
em nome Dele
nos perseguiram

WŁODZIMIERZ HOLSZTYŃSKI, "Parceiro"¹

A eclosão da guerra

Rádio polonesa, sexta-feira, 1^a de setembro de 1939, 6h30:

Estamos falando de Varsóvia, transmitindo para todas as estações de rádio polonesas. Nesta manhã, às 5h30, tropas alemãs atravessaram a fronteira com a Polônia, violando o pacto de não agressão. Várias cidades foram bombardeadas. Dentro de instantes vocês ouvirão uma mensagem especial

do presidente da República da Polônia [Ignacy Mościcki]:² “Então, estamos em guerra! Hoje, todos os demais assuntos e questões se tornaram secundários. Nossas vidas públicas e privadas tomam um rumo diferente. Entramos num período de guerra. Os esforços de toda a nação devem caminhar num mesmo sentido. Somos todos soldados. Hoje, devemos pensar apenas numa coisa: lutar até vencermos”.

Como todas as famílias polonesas, os Bauman, que desfrutavam da visita de Tosia, junto com o marido e a filha recém-nascida, durante as férias de verão na Palestina, provavelmente ouviram essa mensagem repetidas vezes naquela desastrosa manhã de sexta-feira. Como todos os poloneses, acompanhavam atentamente as notícias da tensão ao longo da fronteira Varsóvia-Berlim. Às oito e meia, devem ter ouvido as sirenes de ataque aéreo advertindo a cidade de Poznań sobre a aproximação de aviões alemães.

A mobilização geral, decretada em 30 de agosto, colocou todo o país em movimentação frenética. Veteranos tentaram se juntar a seus regimentos, enquanto algumas famílias fugiram das cidades, em busca de um lugar mais seguro para passar “os dias da guerra”. Outros tentaram desesperadamente retornar das férias de verão para se reunir às suas famílias. Por toda parte, multidões abarrotavam as estações de trens, enquanto carros, caminhões e carroças entupiam as estradas. Nos últimos dias de agosto, a maioria dos poloneses já tinha alguma consciência de que a guerra se aproximava e tentou se preparar para isso, mas havia, em geral, um excesso de confiança. A guerra não iria durar muito, pensavam. A Polônia iria rechaçar e expulsar o Exército alemão em questão de dias — talvez semanas, mas não meses, com certeza. Mesmo os piores cenários previam que a paz chegaria antes do Natal. Qual a razão desse grande otimismo? O fato de que poderosos

aliados — os Estados Unidos e a França — haviam prometido proteger a Polônia se Hitler ousasse violar o território. O Exército alemão enfrentaria uma dura resistência não apenas do Exército polonês, mas também do Ocidente, com um ataque maciço dos exércitos britânico e francês. A confiança nesse cenário era generalizada e muito forte. Isso explica por que a população civil só iniciou seu êxodo em massa em direção ao leste depois que as bombas começaram a cair, em 1^o de setembro. Todos ficaram impressionados com a agressividade do Exército alemão, por sua eficiência, pela rapidez de seu avanço vitorioso e pelo poderio no campo de batalha — assim como seus ataques homicidas a civis desarmados.

Poznań sofreu pesados bombardeios naquele primeiro dia. Ao meio-dia, 31 aviões Heinkel He 111, voando com a cobertura de uma esquadrilha de caças Bf 109, atacaram o aeroporto, a estação ferroviária central, quartéis militares em Jeżyce e pontes sobre o rio Warta. O segundo ataque ocorreu à tarde e o terceiro, ao anoitecer. A casa dos Bauman estava no centro desse ciclone de violência. Cerca de cem bombas caíram sobre a estação ferroviária e sobre uma fábrica de uniformes militares localizada a apenas dois quarteirões da residência da família.

No dia seguinte, o marechal Edward Rydz-Śmigły, comandante em chefe das forças militares, ordenou uma retirada para o leste durante uma pausa nos bombardeios; soldados, funcionários do governo e civis, usando os mais variados meios de transporte, fugiram de Varsóvia naquele dia e no seguinte. Em 3 de setembro, o Reino Unido e a França declararam guerra a Hitler em função do ataque, alimentando as esperanças de muitos poloneses. Mas o país inteiro estava desabando diante da Blitzkrieg alemã. O último dia em que os trens circularam

normalmente na Polônia foi 3 de setembro, e no dia seguinte a maior parte das pontes do Warta foi destruída, tornando impossível o transporte ferroviário.

A experiência dos Bauman nos primeiros dias da invasão foi a mesma de milhares de outras famílias polonesas. Maurycy Bauman estava em casa, mas, aos 49 anos, não se preocupou com a mobilização geral. Entre a população judaica polonesa, apenas os soldados e oficiais profissionais (geralmente médicos) foram mobilizados. Os judeus não eram considerados poloneses e não se esperava deles que atendessem à convocação.³ Zygmunt se preparava para iniciar o segundo ano no Ginásio Berger na segunda-feira, 4 de setembro. A família fugiu um dia antes.

Ele descreveria essa fuga às filhas:

Sáimos de Poznań [...] na noite de 2 de setembro. Percorremos o trajeto até a estação furtivamente, na escuridão total, escondendo-nos nas entradas das casas quando aviões inimigos se aproximavam. Levávamos apenas o que podíamos carregar nas mãos. Minha irmã perdeu os poucos pertences que havia trazido da Palestina; ela tinha uma filha para carregar.⁴

“Não fizemos as malas. Fugimos!”, recordaria Bauman.⁵ “A estação ferroviária não ficava longe de nosso apartamento. Mas o que poderíamos levar conosco?” Maurycy estava com a saúde abalada e com uma grave ferida na perna que tornava difícil caminhar. “Minha mãe e eu — um garoto bastante pueril — tivemos que carregar tudo”, recordou Bauman:

Nós pegamos o que estava à mão e embarcamos no último trem que saiu de Poznań [...]. Meu pai fora criado num espírito tão puritano que primeiramente se recusou a pegar o trem, pois era impossível comprar

passagens. Todas as bilheterias estavam fechadas e não conseguimos pagar a viagem. Ele não conseguia aceitar isso [...] sua consciência não lhe permitia viajar sem os bilhetes. Foi por isso que acabamos pegando o último trem [...]. Só conseguimos seguir até Inowrocław, pois as linhas à frente já tinham sido destruídas. Aviões alemães atacavam as estações e os trens o tempo todo. Não demorou para que parassem de circular. Podíamos ter sido mortos durante a fuga [...] porque, em Inowrocław, meu pai não queria sair da estação até encontrar alguém a quem pudesse pagar pela nossa viagem até lá. Então nossa fuga foi bastante dramática.

“Os bombardeiros perseguiram nosso trem durante todo o percurso”, escreveu Bauman:

Paramos várias vezes para nos espalharmos e nos escondermos debaixo dos trilhos. Por fim, em Inowrocław, a cerca de 150 quilômetros de Poznań, o trem chegou a sua parada final. As linhas mais para o leste tinham sido pulverizadas, e a rede ferroviária parara de operar. A estação de Poznań estava em ruínas. Incentivados pela absoluta falta de resistência, aviões alemães metralharam os trens parados. Pilotos aproveitaram a oportunidade para mostrar suas habilidades aéreas. Voavam a poucos metros do solo, depois faziam loopings e círculos no céu, a seguir mergulhavam de novo. Muitas vezes sobrevoavam tão perto que eu juro que conseguia ver um sorriso malicioso em seus rostos.⁶

“Foi um pesadelo”, disse-me Bauman. “Bandos de soldados alemães passavam por nós na estrada e nos empurravam para as valas. Isso aconteceu várias vezes. Ainda não havia Auschwitz ou Treblinka [...] mas o clima já era muito desagradável.”⁷

Esta última frase foi pronunciada com os lábios apertados. Dizer que “o clima já era muito desagradável”⁸ parece irônico, mas foi a forma de Bauman superar uma emoção difícil, dolorosa, gerada por um evento traumático ocorrido quando ele era um garoto de catorze anos. Ele teve

que reconstituir a fuga dramática de uma massa de pessoas: crianças, velhos, tanto mulheres quanto homens (a maioria dos homens poloneses ainda estava no Exército, tentando deter a invasão alemã),⁹ os mancos e os doentes, alguns já feridos, muitos em estado de choque em função do barulho ensurdecedor, com bombas caindo ao redor e pessoas morrendo, chorando e gritando.

Os bombardeios vinham em ondas, matando e ferindo milhares de pessoas. Apavorados e indefesos, civis tentavam fugir se escondendo em buracos ou florestas. Quando deixavam seus esconderijos, Messerschmitts — aviões de caça alemães — chegavam em grupos e, voando bem perto do solo, os atingiam com suas metralhadoras. Foram esses os pilotos cujos rostos Zygmunt Bauman viu. Essa cena se repetiu em muitas estradas polonesas em setembro de 1939. A performance assassina dos pilotos da Luftwaffe causou um medo e um pânico inacreditáveis. Foi uma experiência única, inesquecível, ser a presa de um caçador impiedoso e poderoso. O tempo demorava a passar para todos os que participaram desse êxodo. Qualquer segundo poderia ser o último. Da mesma forma que todos aqueles que fugiam, Bauman, ainda um adolescente, testemunhava a morte todos os dias. “Centenas de milhares de pessoas tiveram experiências desse tipo”, disse-me ele, ressaltando um aspecto que havia destacado várias vezes em nossa conversa: “Não houve nada de incomum no meu caso”.

De Inowrocław, a família viajou na carroça de um camponês, puxada a cavalo, até Włocławek, perfazendo uma distância de 65 quilômetros. Bauman conta que

meus tios pareciam esperar nossa chegada, embora eu não me recorde de sua alegria por termos conseguido escapar. Instalaram-nos no apartamento de uma família que tinha fugido mais para o leste e nos deixaram por nossa

própria conta. Não que tivéssemos controle sobre nosso destino. Os remanescentes do exército derrotado, sob forte pressão, precipitavam-se em direção ao leste — a cavalo, em carroças, a pé. Em pouco tempo as ruas estavam livres dos soldados, seguindo-se um silêncio estranho e assustador. E então chegaram os alemães. Em motocicletas, caminhões, tanques.¹⁰

Os primeiros dias da guerra trouxeram mudanças imediatas e radicais. O Exército alemão avançou com rapidez e impôs novas regras aos territórios ocupados com implacável poder e terror — especialmente no que dizia respeito à população judaica. Não se exigia dos católicos poloneses que usassem uma cruz ou qualquer sinal estigmatizante em suas roupas, como acontecia com os judeus. Włocławek foi uma das primeiras cidades a impor a “estrela amarela”:

Alguns dias depois, minha mãe cortou meu pijama amarelo de modo a formar triângulos que seriam costurados nas costas de nossos casacos — os sinais de nossa identidade judaica então oficialmente reconhecida pelos novos governantes. Portando esses emblemas, agora caminhávamos pelas ruas — alguns centímetros abaixo do nível das pessoas comuns, que andavam como antes, pelas calçadas.¹¹

Depois de anos de distinções invisíveis — sentar-se em “bancos do gueto”, ter a palavra “judeu” carimbada nas carteiras de identidade e nos documentos estudantis, possuir poucas ou nenhuma opção de estudo —, chegara o momento de Zygmunt Bauman receber um rótulo discriminatório adequado que oficializava e facilitava a perseguição. O tratamento criminoso imposto pelas autoridades alemãs a Włocławek e seus judeus ia da violência física à degradação psicológica.¹² Isso foi vivenciado diretamente por Bauman quando seu pai foi humilhado em público por um soldado alemão.

As façanhas sádicas dos invasores alemães muitas vezes incluíam cortar a barba dos judeus ortodoxos. Mas não era preciso ser um judeu ortodoxo para ser escolhido como objeto de maus-tratos. Bauman iniciou o relato que me fez da humilhação de seu pai com uma afirmação psicológica geral, uma observação que distanciava a experiência de si próprio:

Isso já foi descrito milhares de vezes, a situação do filho que vê o pai como um deus onipotente e de repente o vê humilhado, o que faz toda a sua visão de mundo entrar em colapso. Isso aconteceu comigo quando os alemães mandaram meu pai recolher a sujeira da rua — com as próprias mãos. Não lhe deram [...] uma pá ou uma enxada [...]. Quando eu vi isso, disse a mim mesmo que não podia ficar ali. E isso foi providencial [...] porque tudo poderia ter sido inteiramente diferente.

Essa última parte de seu depoimento é plena de significado, pois quase todos aqueles que pertenciam à comunidade judaica de Włocławek em setembro de 1939 pereceram no Holocausto.

Tosia, o marido e a bebê estiveram entre os afortunados. Sua fuga, iniciada num trem de Włocławek para Berlim, coincidiu com a amarga experiência de humilhação do pai, o que em parte talvez explique por que Bauman fez uma descrição tão curta da cena em nossa entrevista. Ele parecia realmente lutar com essa lembrança, talvez mais do que com qualquer outro evento dramático de sua vida. Pronunciou a última frase com um sorriso sarcástico, como se estivesse reprimindo uma piada amarga, que então disfarçou com o gesto ritual de preparar seu cachimbo. Bauman preferiu diminuir a recordação difícil com um gesto de desdém e palavras que esclareciam que eram essas as experiências dos poloneses durante a guerra. Mas, evidentemente, nem todos os poloneses vivenciaram essa variedade particular de sofrimento.

“E assim três judeus com estrelas amarelas nas costas se despediram na estação de Włocławek de três judeus sem emblemas”, escreveu Bauman no texto para as filhas:

Bem, eles não viram exatamente a partida do trem. Pouco antes de minha irmã, com a filha nos braços e o marido ao lado, ser acomodada (com muita adulação e cumprimentos) no vagão reservado aos oficiais germânicos, um policial alemão apontou o dedo para meu pai: “Você, judeu, venha aqui e limpe essa plataforma imunda!”. De costas para o trem que levava embora sua filha, com lágrimas nos olhos, as mãos cheias de papéis encharcados e restos mofados dos lanches dos soldados, movimentando-se ao ritmo das cutucadas do cabo de um rifle — essa foi a imagem de meu pai que minha irmã levou consigo em sua jornada para aquele que agora era seu único lar.¹³

A família se dividiu em duas: Tosia, o marido e a filha deixaram a Polônia e retornaram ao seu lar na Palestina, enquanto Zygmunt e os pais voltaram para a casa de seus parentes em Włocławek por algum tempo. “Eu me lembro de voltar para nosso apartamento exausto, mas desesperado: eu não iria continuar ali”, registrou Bauman em seu ensaio autobiográfico. Maurycy queria esperar o fim da guerra numa pequena aldeia judaica como Izbica — seu local de nascimento —, mas Zygmunt se opôs com todas as forças:

Eu me lembro de que tudo em mim combatia essa ideia. Um instinto infantil? Uma premonição? Um ímpeto de ousadia graças às noites passadas no salão da Hashomer Hatzair? Uma nova convicção de que o mundo podia ser melhor e de que podíamos ajudá-lo a ser assim? Não me recordo de nenhum pensamento — só dos sentimentos. Mas estes eram poderosos. Tão poderosos, na verdade, que acabaram prevalecendo sobre a solução saudosista de meu pai. E assim meus pais sobreviveram à guerra. E estou

escrevendo estas palavras, quarenta inacreditáveis anos após a morte de Hitler.¹⁴

Esta última frase nos faz lembrar dos muitos relatos de sobreviventes da perseguição nazista. São palavras de agradecimento, um agradecimento retrospectivo — eles foram condenados, mas por algum motivo aqui estão, ainda vivos muitos anos depois, enquanto aquele que foi a personificação de sua desgraça está morto há décadas. Esses fatos ajudam os sobreviventes a acreditarem numa espécie de final feliz... um final feliz para uma história impossível. Naquela época, porém, enquanto faziam o que podiam para melhorar sua situação em Włocławek, não havia nada que se pudesse chamar de uma “boa” estratégia. Ninguém tinha como saber o que iria acontecer.

Os Bauman organizaram sua fuga. A família de Zofia emprestou dinheiro para que contratassem um cocheiro, dois cavalos e uma carroça. Tudo estava pronto em meados de outubro. Os Bauman se dirigiram à fronteira leste.

A viagem não seguiu o plano inicial, mas a urgência da partida ficou evidente quando os nazistas ocuparam Włocławek: “Os primeiros dias de sua [dos nazistas] permanência por lá foram tão terríveis que tive raiva e discuti com meus pais, dizendo que não queria ficar”.¹⁵ E assim a família saiu de Włocławek, primeiro numa carroça, mas os cavalos já estavam à beira da morte¹⁶ e de fato morreram durante a viagem, perto de Mława, já sob controle alemão, e os Bauman prosseguiram a pé. “Caminhei bastante em minha juventude”, disse Zygmunt.

Eles faziam parte de um grande grupo que caminhava lentamente de um chalé para outro, usando estradas secundárias para não chamar a atenção dos alemães. Estavam por conta própria. Não havia Cruz Vermelha nem qualquer outro órgão que lhes trouxesse remédios,

roupas ou alimentos. Cada família era responsável por encontrar abrigo e comida para si mesma:

Comprávamos comida dos camponeses. Essa tarefa ficava por conta de minha mãe. Ainda não tínhamos cupons de alimentos (mais tarde, no pós-guerra, o governo polonês introduziu esses cartões). Os camponeses vendiam comida, mas preferiam trocá-la por outros produtos. O que na verdade foi uma coisa boa — quanto mais caminhávamos, mais a nossa carga diminuía!¹⁷

Uma vez próxima à fronteira com a parte da Polônia sob ocupação soviética, a família ficou aguardando a oportunidade de atravessá-la clandestinamente. Isso aconteceu algumas semanas após a invasão soviética dos territórios do leste do país, que se iniciou em 17 de setembro e fez com que se abortassem os planos de reorganização da resistência polonesa. Sob o pacto Mólotov-Ribbentrop, os soviéticos anexaram esses territórios, criando uma nova situação geopolítica com uma fronteira (ou linha de demarcação) germano-soviética. O governo polonês jamais assinou um acordo de capitulação, embora os prefeitos de algumas cidades o tenham feito (Varsóvia se rendeu em 25 de setembro). Sem um governo fantoche e com a maioria dos líderes poloneses fugindo para Londres, soviéticos e alemães simplesmente ampliaram seus territórios, fazendo com que a Polônia desaparecesse do mapa da Europa.

Para atingir o ponto mais próximo da nova fronteira com a União Soviética, a família de Bauman teve de atravessar cerca de trezentos quilômetros, de Włocławek a Wojciechowice — uma jornada que levou duas semanas.

No final de outubro a família finalmente chegou a Wojciechowice — um pequeno vilarejo a cerca de cem metros da fronteira, que então ia de

Ostrołęka (do lado alemão) a Łomża (do lado russo). Alugamos um quarto no sítio de um camponês. Tivemos sorte em encontrá-lo, pois todos os lugares do vilarejo estavam entulhados de refugiados como nós, esperando cruzar a fronteira.¹⁸

Em meio à confusão e à incerteza, e a alguns embates que prosseguiram com as forças polonesas, o tempo esfriou e se tornou cada vez mais difícil cruzar a fronteira em segredo.

A odisseia da passagem da família para o setor soviético foi tão traumática quanto a parte inicial de sua jornada:

Quando chegamos à fronteira, os russos haviam deixado de permitir que as pessoas passassem. Antes, qualquer um podia entrar [...]. Meu pai era autodidata, mas tinha um bom nível de instrução e falava alemão muito bem.¹⁹ Naquele momento havia uma guarnição da Wehrmacht em Wojciechowice. Meu pai encontrou um capitão alemão — um sujeito muito educado — e eles conversaram várias vezes de maneira realmente cordial.²⁰ Os russos não estavam mais aceitando refugiados porque havia gente demais em Wojciechowice tentando atravessar a fronteira. Mas ele prometeu encontrar uma solução quando falasse com “o comandante do outro lado do rio”. Foi exatamente assim que ele falou! “Talvez”, disse ele, “possamos chegar a um acordo, e os russos permitam que vocês entrem.” Foi muito interessante — nós três nos sentamos do lado alemão do rio e vimos “nosso” capitão dirigindo seu carro todo equipado até o meio da ponte, onde parou. Creio que era uma ponte de verdade, não um pontão. E do outro lado ele se encontrou com os *Krasnarmiejci* [soldados do Exército Vermelho]. Eles vinham a pé, com os rifles pendurados em cordões. Encontraram-se no meio do caminho. Claro que não tenho a menor ideia do que falaram, mas o capitão voltou e disse a meu pai: “Infelizmente eles têm ordens para não deixar ninguém entrar, e não há nada que eu possa fazer a respeito”.²¹

Embora a tentativa de cruzar a fronteira tivesse fracassado, Bauman ficou impressionado com os soldados do Exército Vermelho, que ele via pela primeira vez na vida: “Eles vinham caminhando tranquilamente em nossa direção; quanto mais se aproximavam, melhor podíamos ver seus uniformes do tamanho errado, com os botões soltando, os sapatos mal engraxados e surrados. A mim pareceram anjos. Ou mensageiros de Sião”.²² Contudo, por mais angelicais que parecessem, os soldados não deixariam a família entrar no território soviético.

Era uma má notícia, mas isso não desencorajou Zofia. “Ao contrário de meu pai, minha mãe era uma pessoa muito aguerrida”, lembrou Bauman.

Ela disse: “Não, não vou aceitar isso com tanta facilidade! Vou procurar o comandante alemão em Ostrołęka!”. Você precisa entender que minha mãe parecia uma camponesa local — vestia-se da mesma forma que todas as mulheres do vilarejo e se juntou a uma verdadeira camponesa de lá que ia ao mercado de Ostrołęka.

Naquele mesmo dia, depois de minha mãe sair para tentar se encontrar com o comandante em Ostrołęka a fim de lhe pedir que possibilitasse nossa passagem — o que, por sinal, era um esforço terrivelmente ingênuo, na verdade completamente idiota —, o capitão da Wehrmacht procurou meu pai e lhe disse: “Senhor, não tenho nada a ver com essa decisão, mas vim lhe dizer que estamos sendo removidos (a Wehrmacht estava sendo liberada da tarefa de controlar a fronteira) e seremos substituídos hoje pela Grenzschutz [a polícia de fronteira] — e isso pode ser muito ruim para vocês”.²³

Bauman prosseguiu:

Meu pai e eu estávamos lá, mas minha mãe tinha saído. Foi uma situação terrível porque não sabíamos quando ela iria voltar [...]. Só mais tarde ficamos sabendo que exatamente no momento em que ela chegou à cidade —

Ostrołęka — os refugiados dali e das redondezas, todos os que estavam esperando para cruzar a fronteira, foram cercados pela Grenzschutz e levados para Ostrów Mazowiecka, onde ocorreu a primeira execução em massa na Polônia.

Pelo que se viu depois, se a família tivesse continuado junta, teriam todos morrido. Uma teia de coincidências improváveis salvou suas vidas.

A mãe de Bauman escaparia à morte por um milagre — ou talvez nem tanto:

Minha mãe tinha uma beleza do tipo eslavo, não judaico. Agora, malvestida e com um enorme xale enrolado na cabeça, era praticamente indistinguível das camponesas locais. Ela tirou a única marca de sua judaicidade — a estrela amarela — e convenceu nossa senhoria, de quem se tornou amiga desde o primeiro dia, a arrear um cavalo e levá-la a Ostrołęka, onde esperava usar seu poder de persuasão para obter a cooperação do comandante alemão do distrito.

A aparência talvez fosse o elemento decisivo quanto a ser pego ou escapar, pois os predadores procuravam um determinado tipo físico. Felizmente para Zofia Bauman, ela não correspondia ao estereótipo da mulher judia: cabelos pretos e olhos escuros e amendoados. Seus traços eram mais tipicamente “arianos”, e ela se misturou às esposas camponesas que iam toda semana a Ostrołęka para vender seus produtos no mercado.

Pai e filho também sobreviveram graças a uma certa teimosia. Como o capitão avisara, a Grenzschutz assumiu o lado alemão da divisa e

logo depois ouvimos uma ordem em voz alta reverberando pelo vilarejo: “*Alle Juden raus!*”. Vindos de casas, celeiros e estábulos, surgiram homens,

mulheres e crianças, empurrados e chutados por soldados usando estranhos uniformes em direção ao prédio da prefeitura. Quando nos juntamos à massa, ouvimos o oficial da Grenzschutz anunciar que seríamos transportados para Ostrów Mazowiecka, onde estavam sendo reunidos todos os judeus que desejavam atravessar para o lado russo [...]. Não podíamos ir para Ostrów. Não podíamos ir a lugar algum enquanto minha mãe estivesse fora. Tínhamos de esperar que ela voltasse. Não discuti a questão com meu pai, mas sabia que ele pensava da mesma forma. Nos comunicávamos sem palavras enquanto nos esgueirávamos para trás do prédio mais próximo e corríamos em direção ao bosque que se estendia pelos dois lados da fronteira. Logo vimos um solitário guarda de fronteira russo, sentado num tronco de madeira, observando pássaros e cantarolando, o rifle no chão a seus pés. Arquejando, meu pai declarou: “Estou aqui esperando minha mulher. Não vou a lugar algum até ela chegar”. Creio que foi o dia mais longo da minha vida.²⁴

Os soldados responsáveis pela matança em Ostrów Mazowiecka, que ficava a trinta quilômetros de Ostrołęka, já tinham bastante experiência em perseguir civis. Mas no dia 11 de novembro eles mataram cerca de seiscentos judeus,²⁵ uma execução em massa de habitantes locais e refugiados que esperavam, como os Bauman, por uma oportunidade para cruzar a fronteira.

Zygmunt e o pai estavam separados da fronteira por um riacho com uma espécie de ilha flutuante formada pela vegetação,²⁶ e ele sugeriu que se sentassem ali para esperar Zofia. Não havia absolutamente ninguém no local, mas,

depois de algum tempo, apareceu um homem rechonchudo de aspecto saudável, um *kolkhoznik* [fazendeiro soviético] com um rifle preso numa correia, e começou a balbuciar algo. Meu pai falava um pouco de russo [...] era fluente em alemão, mas não em russo. Eu não sabia uma palavra sequer

da língua. Assim, foi uma conversa difícil, mas ele parecia gentil. E disse que era melhor que fôssemos com ele até o seu vilarejo, onde haveria uma cama quente e um pouco de comida à nossa espera. Eu me opunha fortemente à ideia, mas ele tinha o rifle na correia e então fomos.²⁷

Passava das duas da tarde, já começando a anoitecer nessa época do ano. Eles seguiram o fazendeiro até sua casa e se sentaram do lado de fora até que ele se ofereceu para levá-los ao gabinete de seu comandante, para que conseguissem um lugar para ficar.

Nós o seguimos, caminhando na escuridão total — eu, meu pai e esse soldado [...] apenas nós três. E de repente [...] eu não conhecia a geografia do lugar, mas de alguma forma percebi que ele estava nos levando de volta para o lado alemão. No calor do momento, tomei uma decisão abrupta: deitei-me na grama e comecei a gritar numa língua que me parecia o russo. Até hoje me lembro do que disse: “*Maja mat tut — maja mat tut*” [“Minha mãe está aqui!"]. Fiquei deitado na grama e me recusei a prosseguir. E aquele bom homem realmente não sabia o que fazer conosco. Não podia nos levar nas costas. Disparou um sinalizador, mas nada aconteceu. Ele se juntou a nós, sentando-se numa pilha de entulho no meio do campo. Nós esperamos [...]. Então, de repente, apareceu um oficial russo montado num cavalo que espumava pela boca e trocou algumas palavras com o fazendeiro, depois fez o cavalo avançar, tentando nos amedrontar. Eu estava gritando. Meu pai tremia. Mas o oficial percebeu que aquilo não valia a pena.²⁸

Embora horrorizados, Zygmunt e o pai se mantiveram imóveis. Não correram para o lado alemão. O oficial disse alguma coisa ao fazendeiro, continuou Bauman, “e se foi, galopando depressa e desaparecendo na escuridão”. O fazendeiro fez um sinal com as mãos, indicando que pretendia nos dar as costas e, quando se virasse de novo, “deveríamos ter ido embora. Era isso. E como era uma noite sem lua, muito escura,

foi fácil desaparecer. Alguns passos e não estávamos mais lá. E então continuamos nossa caminhada noturna para Łomża”.

Uma jornada por terras soviéticas: Novembro de 1939-junho de 1941, Mołodeczno

Łomża ficava na zona de ocupação soviética, a primeira cidade depois da nova fronteira. Era uma cidadezinha polonesa que, de repente, em setembro de 1939, se tornara a primeira cidade da “liberdade” — ou, pelo menos, livre da ocupação alemã. A leste de Łomża, a etnia não era mais particularmente relevante: na União Soviética, os Bauman eram apenas “refugiados provenientes de territórios ocupados pelo Terceiro Reich”.²⁹

“A cidade já estava repleta de refugiados e não conseguíamos encontrar um lugar para passar a noite”, lembrou Bauman: “Meu pai perguntou em vários lugares e finalmente alguém lhe disse que havia uma mulher que poderia nos receber por uma noite em troca de pagamento. Fomos até lá e quem encontramos?” Zofia! “Foi o coroamento de um dia cheio de milagres.” A família estava reunida mais uma vez, uma sorte excepcional naqueles tempos fatais. Uma vez juntos, decidiram sair de Łomża. “Era impossível esticar o braço sem bater em alguém, de tanta gente que havia naquela cidade”, recordou Bauman. “Havia três vezes mais refugiados do que moradores.”

“Pegamos o trem para Białystok, a maior cidade dessa parte da Polônia ocupada pela Rússia”, escreveu Bauman:

Porém, Białystok não era muito diferente: encontramos ali as mesmas hordas de gente sem teto, aluguéis altíssimos, milhares de pessoas desarraigadas procurando parentes perdidos e meios de sobreviver por mais um dia.

Tínhamos gastado todo o dinheiro que havíamos trazido de Włocławek e meu pai tentou desesperadamente obter mais algum.

Mais uma vez, Maurycy não conseguiu ganhar dinheiro e Zofia se encarregou da situação. Uma decisão foi tomada:

Tínhamos que ir para outro lugar — longe daquela turba comprando e vendendo coisas. Mas para onde? Nisso meu amor pela geografia revelou sua utilidade. Mołodeczno parecia o lugar certo para onde ir. Pequena, mas não um vilarejo, longe o bastante da fronteira alemã para não ser facilmente alcançada por outros refugiados e localizada no que prometia ser um lugar pitoresco do interior. Gastamos nossos últimos centavos nos bilhetes do trem para Mołodeczno.³⁰

Mołodeczno era uma típica cidade da Bielorrússia no final de 1939 — repleta de refugiados,³¹ ou “Bieżency”, nome derivado do russo que designava os refugiados da Polônia sob ocupação alemã nos territórios sob controle soviético. O trem para Mołodeczno não estava superlotado — na verdade, não havia outros refugiados na composição, já que fugir para o leste não era uma estratégia popular entre os refugiados, que não se sentiam estimulados a ir sozinhos para um lugar onde não tinham amigos nem conexões.³² Os Bauman não contavam com nenhum apoio desse tipo, mas conseguiram encontrar uma boa situação em seu novo lar temporário. Como Bauman lembrou, “tivemos sorte, pois meu pai conseguiu um emprego e minha mãe também. E eu entrei na escola”. Num manuscrito de 1951 contendo seu curriculum vitae (documento assinado pelo *major* Bauman), ele escreveu: “Nos estabelecemos em Mołodeczno, onde meu pai trabalhou como escriturário na Wojentorg Zach Okręg Wojskowy [empresa nacional fornecedora do Exército soviético] e minha mãe cozinhava na cantina dos oficiais”.³³

“Era uma cidade-guarnição, e não muito mais que isso”, escreveu Bauman vinte anos depois:

Quartéis espalhados de maneira confusa por um enorme terreno plano e cercado ocupavam a maior parte do espaço [...]. Havia uma grande quantidade de quartos para alugar quando chegamos, e logo encontramos um na casa da família de um camponês. Também havia uma abundância de empregos [...]. [No] dia seguinte à nossa chegada, ofereceram a meu pai o primeiro cargo que ele pediu: ele se tornou — o que mais? — contador de um grande entreposto que atendia a guarnição local.

A primeira impressão de Maurycy Bauman foi de horror e desânimo:

Todo mundo rouba! Eles me pedem para registrar nos livros produtos que evaporaram antes de serem colocados nas prateleiras; ou eliminam [da lista] como defeituosas coisas que são perfeitamente utilizáveis em termos de qualidade. Como é que um Estado pode ser construído pelo roubo?³⁴

Maurycy, que tentara comprar um bilhete de trem durante um bombardeio, não foi capaz de aprender a “contabilidade criativa”:³⁵ “Também nunca aceitou a ideia de uma ‘democracia fraudulenta’ [...]. Ele continuou sofrendo — como era seu hábito, mas agora sofria em silêncio”.³⁶

Desde seus primeiros dias na União Soviética, a família Bauman tomou consciência das particularidades do novo sistema implementado depois da Revolução de 1917, que havia mudado a Rússia em todos os níveis da atividade humana. O roubo era uma prática e a “democracia fraudulenta” apresentava novas regras básicas que Zygmunt e os pais tiveram de aprender rápido. Isso não significa que Maurycy tenha começado a agir como os outros. Zygmunt avaliou a abordagem do pai ao novo sistema com as seguintes palavras: “Meu pai voltou a ser um

escriturário, ainda que os livros agora fossem do reino da fantasia e não exercícios de realismo, socialista ou de qualquer outro tipo”.³⁷

Maurycy podia não mudar facilmente, mas Mołodeczno oferecia oportunidades — “uma verdadeira revolução” — para Zofia, recordou Bauman. Depois de um pequeno teste, a mãe de Zygmunt foi contratada pela caótica guarnição como cozinheira:

Seus talentos mágicos se ajustavam muito bem à democracia fraudulenta [...]. Sua arte era aclamada, louvada, admirada. Minha mãe estava feliz. Amava sua nova vida, a cidade sonolenta, o Exército cujos oficiais olhavam para ela com olhos de cães amorosos, o país que tinha um Exército formado por homens como esses.³⁸

O dom de Zofia iria salvar suas vidas e melhorar suas condições de existência diversas vezes ao longo da guerra. Ela possuía um talento essencial em tempos de guerra ou de crise — sabia fazer coisas com poucos recursos. Não era uma cozinheira profissional, mas “tinha muita energia”, lembrou Bauman.

E tinha a seguinte regra: para fazer boa comida, eram necessários ingredientes muito bons, ou passar o dia inteiro na cozinha. Não tínhamos como comprar produtos de alta qualidade, mas ela sabia fazer verdadeiras delícias a partir do nada. Era uma coisa incrível!³⁹

Existe um apelido em polonês para esses pratos, *zupa na gwoździu* (o equivalente a “sopa de pedra”), popularizado pelo escritor e jornalista Melchior Wańkowicz. Durante a guerra, criar uma sopa saborosa a partir do nada era uma estratégia de sobrevivência. “Na União Soviética”, recordou Bauman,

essa habilidade valia ouro. Minha mãe se empregou como cozinheira na cantina de uma guarnição e foi logo promovida a chef. Foi um grande alívio para meu pai, que pôde se livrar do sentimento pesado de que precisava ganhar o suficiente para manter a família, pois esse era o dever do homem.

Na verdade, na União Soviética as mulheres eram ativas profissionalmente. Além disso, durante a guerra, e mesmo nos primeiros anos depois dela, o talento culinário era uma chave de ouro para uma vida decente. Às vezes, como no caso da família Bauman, podia ser um salva-vidas:

O governo soviético declarou cidadãos soviéticos todos os habitantes do território polonês ocupado. Entretanto, como éramos refugiados de uma parte da Polônia sobre a qual os russos ainda não haviam proclamado sua jurisdição, fora inserido em nosso passaporte um pequeno parágrafo que nos proibia de ficar a menos de noventa quilômetros da fronteira. Mołodeczno ficava a apenas sessenta quilômetros da então independente Lituânia. Estávamos ameaçados de deportação [...]. O parágrafo fatal nunca foi eliminado de nossos passaportes, mas a ordem de deportação tampouco jamais chegou.⁴⁰

Assim, os talentos culinários de Zofia afastaram uma ameaça que geraria miséria e mesmo fome para milhares de poloneses. As autoridades soviéticas não mandaram a família para a Sibéria em 1940, ou mesmo depois da invasão nazista de 22 de junho de 1941. Milhares de refugiados que tinham fugido para os territórios ocupados pelos soviéticos para escapar da ocupação nazista, e outros que já viviam naquelas áreas quando Stálin as ocupou, foram “enviados para a Sibéria”.⁴¹ Stálin tinha inúmeras justificativas para tais ações, que faziam parte de sua política de controlar grupos étnicos ou outros que ele percebia como hostis por meio do isolamento social. Os territórios

*image
not
available*

Bauman apresentou uma versão diferente em 1950, ao preparar seu currículo para o Exército. Ali, escreveu: “Estudei numa escola secundária russa — no sexto e no sétimo anos (fiz o sétimo ano nas férias e passei nos exames)”.⁴³ Na Polônia de 1950, quando as histórias de vida tinham de ser livres de quaisquer defeitos morais, seria inaceitável para Zygmunt Bauman escrever “foi quando contei a primeira mentira da minha vida”. Na verdade, evidentemente, pular de ano não era algo incomum naquele período. No território polonês controlado pelo Exército alemão, as crianças polonesas voltaram às aulas depois da ocupação, embora mais tarde, no outono, os alemães fechassem todas as escolas, exceto as de ensino fundamental e de treinamento ocupacional — como *Untermenschen* [povos inferiores], os poloneses não mereciam nem precisavam da educação e da cultura a que as crianças alemãs tinham direito.

Não havia restrições desse tipo à educação das crianças polonesas no território sob controle soviético, mas o novo regime introduziu progressivamente a ideologia comunista nos currículos de todas as escolas, universidades e locais de trabalho. Essa transição altamente complexa de territórios — da dominação do Estado polonês, com uma breve fase de “libertação” bielorrussa, para uma república soviética — foi uma questão de semanas. É fascinante examinar esse processo tal como ocorreu numa escola secundária, a partir da perspectiva individual de um aluno.

Mais de quarenta anos depois, Bauman assim recordou essa experiência:

Ninguém, ao que parece, questionou minhas credenciais. Para meus novos colegas, eu talvez fosse a pessoa mais polonesa entre todos eles. Aqui, na distante periferia da República do entreguerras, a polonesidade como tal

*image
not
available*

Os dezoito meses em Mołodeczno se inscrevem em minha memória como uma experiência de felicidade permanente. Com meu pai e minha mãe trabalhando, pela primeira vez estávamos bem de vida — ao menos pelos padrões estabelecidos na minha infância. Eu estava cercado de amigos, e de modo geral gostava disso. Ao que parece, também estava me tornando bonito. As garotas ficavam inquietas em minha companhia. Algumas eram absolutamente agressivas. Eu ficava assustado, mas satisfeito. Sentia-me livre e desejado. Encontrei meu Sião em Mołodeczno. Ingressei no equivalente local da Hashomer Hatzair — a Komsomol.⁴⁸

Em seu curriculum vitae de 1951, Bauman observa que, em 1940, ele “se juntou às fileiras da WLKZM”.⁴⁹ Essa poderosa e lendária sigla, que hoje pertence à história, significa Liga Comunista Leninista da Juventude de Toda a União. Amplamente conhecida como Komsomol, era uma antessala do Partido Comunista. Esse foi um momento crucial na vida de Zygmunt. Enfim livre da discriminação étnica, registrou ele num currículo de 1955, “fui eleito líder da seção escolar”.⁵⁰ A eleição marcou o surgimento de um carisma pessoal que jamais o abandonaria. Seus colegas o escolheram como líder mesmo sendo Bauman um membro de uma minoria étnica e ainda não falasse russo perfeitamente. Ele aderiu à organização como voluntário — uma distinção importante, porque o ingresso na Komsomol não teria sido compulsório naquele momento. A rápida ascensão de Bauman a uma posição de liderança na organização mostra seu entusiasmo pelo novo sistema que estava sendo implementado no antigo território polonês.

Não deve surpreender, considerando-se as experiências de vida e a idade de Bauman, que ele fosse atraído pela ideologia comunista. Ele viu o novo sistema, em certa medida, como um prolongamento da Hashomer Hatzair. A diferença, além da ideologia (comunista no primeiro, socialista na segunda), estava no caráter geral da Komsomol.

ocupação soviética. A invasão alemã ofereceu oportunidades de vingança. Muitos culpavam os judeus pela ocupação soviética, e alguns, criminosamente, ajudaram alemães a encontrar judeus escondidos ou os mataram com as próprias mãos.⁵⁶ Ações individuais ou em grupo foram espontaneamente organizadas, recrutando o ódio de pessoas comuns.⁵⁷ Houve atos de “violência íntima”⁵⁸ entre pessoas que durante décadas haviam convivido de forma pacífica. Historiadores vincularam muitos assassinatos⁵⁹ individuais ou coletivos ao início da Operação Barbarossa realizada pelos alemães.⁶⁰ Enquanto para a comunidade judaica nativa dos territórios do leste a ameaça da ocupação nazista era algo novo, ainda imprevisível, para os Bauman as experiências traumáticas de Włocławek nas primeiras semanas da guerra não deixavam espaço para a dúvida quanto à necessidade de uma fuga imediata.

No dia seguinte minha mãe voltou do trabalho mais cedo [...] para nos contar que as famílias do pessoal do Exército seriam evacuadas da cidade e lhe fora oferecido um lugar num trem especial. Havia pouco tempo a perder [...]. Diferente do trem de Poznań, esse não estava cheio. Além das esposas e filhos dos oficiais, só alguns poucos locais decidiram se mudar. Os soviéticos, ao que parece, não tinham feito muitos amigos.⁶¹

A guerra entre alemães e soviéticos começou em 22 de junho. Por volta do dia 25, Mołodeczno já estava sob o controle dos nazistas.

Zygmunt e os pais pegaram o trem de evacuação em 23 de junho. Uma vez mais, a família Bauman se viu forçada a fugir. Dessa vez, tentaram ir para o ponto mais a leste possível.

Na manhã seguinte minha mãe e eu nos juntamos a uma longa coluna de mulheres e crianças que ia para os campos. Só ela e eu tínhamos sapatos. O resto usava calçados de fibra ou estranhos mocassins feitos de palha. Caminhamos por muitos quilômetros até chegarmos ao terreno cuja colheita estava marcada para aquele dia: um vasto campo coberto de centeio maduro que já começava a produzir sementes. Algumas mulheres trabalhavam com foices; uma delas dirigia um trator que se movia por alguns metros com um barulho ensurdecedor, só para fazer uma parada abrupta e soltar [uma] enorme nuvem de fumaça cáustica. A partir dali, apenas foices separavam o pão de que tanto necessitávamos de hectares de centeio podre. Como era alto para minha idade, ofereceram-me uma foice, mas a encarregada logo concluiu que seria um desperdício da preciosa ferramenta. Fui ordenado a me juntar a um grupo de mulheres e crianças que limpavam e amarravam caules cortados. Trabalhávamos com absoluta determinação, em completo silêncio, perturbado apenas pelo zumbido constante de mosquitos sedentos de sangue. Lembro-me deles pousando em cada centímetro desprotegido de minha pele. Tendo enfiado suas trombas profundamente no meu corpo, estavam ocupados demais em chupar meu sangue para perceber minhas desesperadas tentativas de afastá-los. Não havia como se livrar deles; os poucos que consegui esmagar foram na mesma hora substituídos por outros famintos. A nuvem estava sempre a ganhar reforços. Além de mim e da minha mãe, ninguém parecia se incomodar. Os mosquitos claramente faziam parte da vida, como um trator quebrado, o centeio apodrecendo ou uma tarefa obviamente além da capacidade humana, como um trabalho de sol a sol recompensado à noite por algumas batatas cozidas e água quente salpicada de farinha e sal.

Depois de vários dias, fiquei doente e permaneci na casa. Meu corpo estava inchado, coberto de bolhas, furúnculos e feridas pustulentas. Os inúmeros hematomas e picadas infeccionaram. Eu sentia muitas dores, era incapaz de me mexer, de me sentar, de deitar. Minha mãe se revelou mais forte; ficou no campo mais um dia.⁵

e tinham forte ligação com os clássicos. Valorizavam o conhecimento dos escritores e poetas que Bauman trouxe para sua nova escola em Chakhunia.

Um diploma com data de 7 de junho de 1942, escrito em cirílico, afirma que Bauman Zygmunt Moisiejewicz (filho de Moishe), Бауман Сигизмунд Моисеевич, concluiu um programa de educação plena no Liceu nº 14¹¹ com a nota máxima — *отлично*/Excelente. Apesar do desafio de aprender uma nova língua, um novo alfabeto e muitas matérias novas nesses tempos turbulentos, ele tinha se saído extremamente bem nesse ambiente livre de discriminação étnica. Bauman recebeu um diploma com moldura dourada.¹² Todas as suas notas foram a mesma — Excelente: em russo, literatura, aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, ciências naturais, história, constituição da União Soviética, geografia, física, química, astronomia, língua estrangeira (alemão), desenho e esportes.

A avaliação do desempenho escolar em diferentes domínios é uma atividade subjetiva,¹³ e os professores tendiam a dar boas notas a alunos carismáticos que expressassem as visões políticas corretas. Mas, além de tais considerações, estava claro que Bauman tinha uma ampla capacidade de estudo e análise, era extremamente hábil em apresentar suas opiniões, convencer seu público e, por fim, ser um líder e um guia com muito pouca idade, como diligentemente apontou o diretor Asafonov em sua avaliação final, em junho de 1942:

O camarada Bauman Sigmundovich Moiseievich formou-se na escola secundária J. D. nº 14 [...] com excelentes notas. Ele tem habilidades intelectuais excepcionais. É um ativista social: presidente do comitê escolar, presidente do comitê da Komsomol e editor do jornal da escola, disciplinado, mas politicamente moderado [...]. Em seu trabalho ele manifesta iniciativa,

estava na defensiva por toda a fronteira. Tudo isso contribuiu para construir uma imagem idílica e utópica do universo da fábrica e dos trabalhadores em que os homens operavam sem pressões competitivas, disputas de carreira ou concorrência desenfreada. Os homens de meia-idade haviam ido embora, a guerra estava por toda parte, o país precisava de um enorme esforço e eles o fizeram. Bauman viu algo profundamente humano nas relações entre os trabalhadores naquele ambiente. Essa experiência podia ser vista como uma espécie de trabalho de campo — uma prática que completava a base teórica de seu comunismo, adquirida na Komsomol. Foi uma importante lição de vida.

Tornando-se universitário: Mais uma vez, um estranho no ninho

Quando o verão de 1942 terminou, Bauman deixou o trabalho na ferrovia para frequentar a universidade em Górkki, a maior cidade do distrito. Pouco antes de ele embarcar no trem que o levaria, seu pai, para sua surpresa, enfiou uma carta em seu bolso. Era o tipo de carta que muitos pais entregam aos filhos em ocasiões como essa — uma importante e poderosa mensagem de um pai a seu único filho quando este deixa o lar.

A partir do ensaio de Bauman, ficamos sabendo:

Era uma carta de amor. Eu agora estava deixando meus pais, começando uma vida própria e diferente — e meu pai se apressou em me contar tudo que havia sentido ao longo dos anos, o papel que eu havia desempenhado em sua vida e que tipo de homem ele sonhava que eu viesse a ser.

Também havia um conselho paterno. Sabedoria de vida que um pai queria transmitir a seu filho. O único capital que ele podia legar. Seu único presente.

chaleira elétrica, que ficava sempre fervendo a menos que a eletricidade fosse cortada (o que ocorria por pelo menos oito horas todos os dias). Enquanto escrevíamos ensaios ou resolvíamos equações, aquecíamos as mãos segurando a chaleira ou um copo cheio de água quente.²³

A situação era difícil, mas apenas uma elite muito reduzida conseguia entrar na universidade, depois de passar por um rígido processo de seleção. Uma vez aceitos, os alunos não pagavam pelos estudos, de modo que as comodidades que obtinham nessas rigorosas circunstâncias pelo menos eram gratuitas no sistema estabelecido pela Revolução de Outubro. Tudo era grátis, mas não havia muito de coisa alguma. Restrições de energia cortavam a eletricidade por várias horas todos os dias. As condições eram duras. Quem morava na região havia muito tempo estava acostumado, mas aquele era apenas o segundo inverno de Bauman no lugar.²⁴ E não apenas as condições de vida eram duras — o ambiente social também era.

Entre os alunos, eu era o mais novo outra vez. Todos os outros eram veteranos de guerra com ferimentos que os desqualificavam para prosseguir no serviço militar ou pessoas fisicamente inaptas que não podiam ser incorporadas. Eu era o único em forma e saudável — uma circunstância que poderia ter feito com que me sentisse culpado, não fosse a esperança de que ainda daria minha contribuição para o esforço de guerra. Eu não teria tempo, porém, de pensar na minha situação. Depois de dois meses estudando e congelando, a administradora da casa me chamou a seu escritório e me disse que eu não tinha o direito de viver numa cidade grande e importante como Górkki e deveria voltar a Chakhunia imediatamente.²⁵

Quem não obedecesse ao Parágrafo 11 corria o risco de deportação imediata, geralmente para territórios até mais gelados do que Górkki. Zygmunt pegou o trem de volta para a casa dos pais, que nesse intervalo